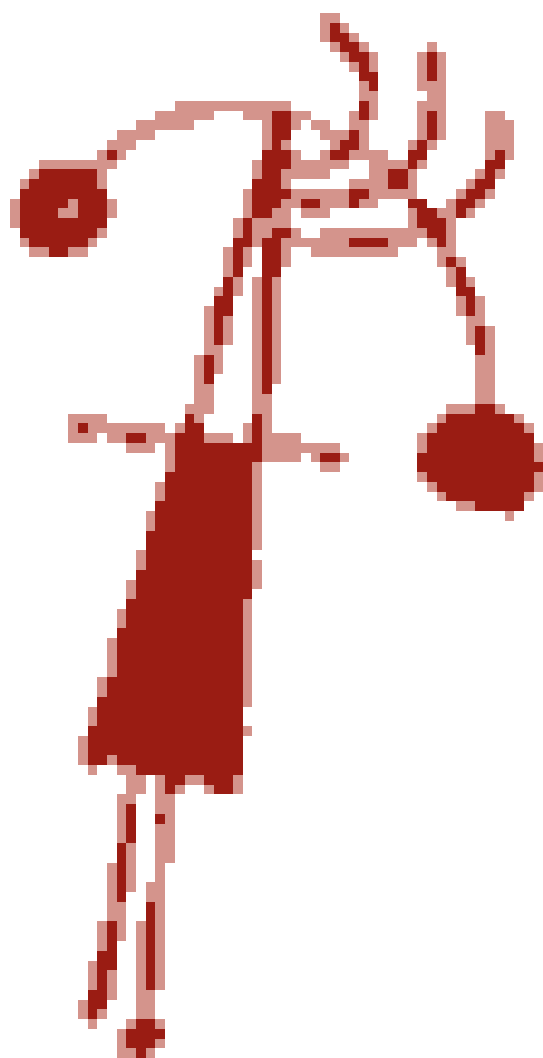


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

GESTÃO FLEXÍVEL DO CURRÍCULO

Relatório 2000/2001



OUTUBRO de 2001

Relatório elaborado pelo **Núcleo de Organização Curricular e Formação**

Filomena Araújo
Maria da Luz Pignatelli
Maria Paula Andrade

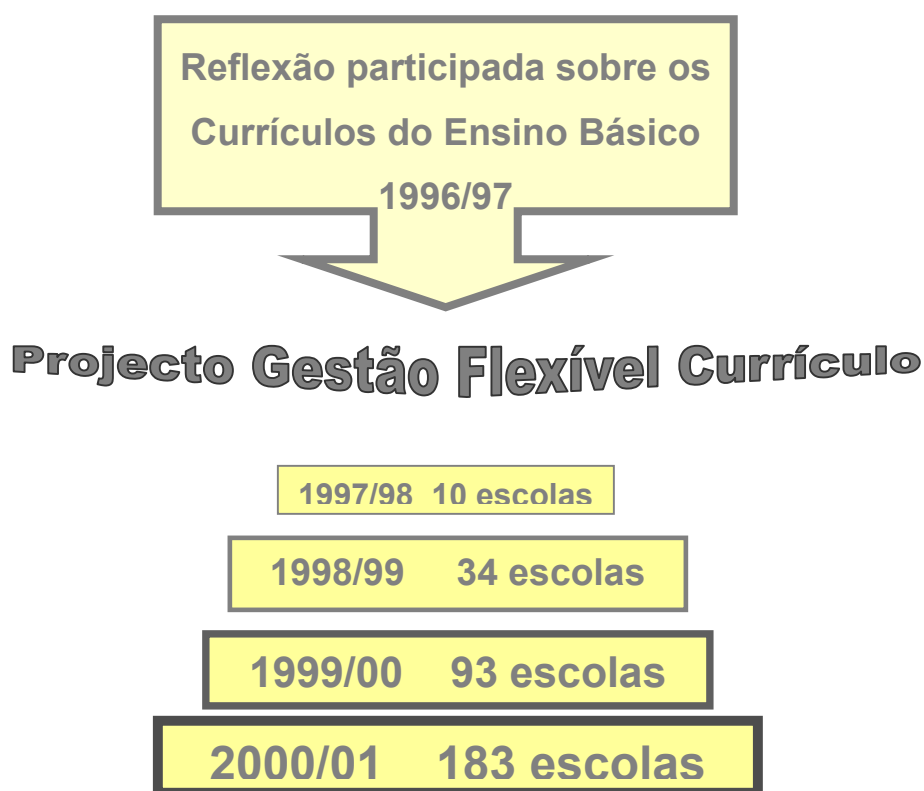
ÍNDICE

1. Introdução	2
1.1 Enquadramento	2
1.2 Esquema metodológico	3
2. Caracterização das escolas com PGFC.....	5
2.1 Caracterização das Escolas ou Agrupamento de Escolas	5
2.2 Recursos Humanos disponíveis.....	8
2.3 Outros projectos/programas em que as Escolas se encontram envolvidas...	10
3. Organização e desenvolvimento do Projecto de Gestão Flexível do Currículo	12
3.1 Abrangência – Alunos envolvidos	12
3.2 Processo de Concepção e implementação	14
3.2.1 Justificação da apresentação do projecto	14
3.2.2 Necessidades inerentes ao desenvolvimento do projecto GFC.....	15
3.2.3 Formas de divulgação e mobilização da comunidade educativa para o projecto GFC.....	16
3.3 Reflexos na organização da escola.....	17
3.3.1 Projecto Curricular de Escola e de Turma	17
3.3.2 Desenho Curricular	19
3.3.3 Articulação curricular	27
3.3.4 Envolvimento no Projecto de GFC	28
3.3.4 Funcionamento do Conselho de Turma	32
3.4 Gestão das áreas não disciplinares	34
3.4.1 Projecto Interdisciplinar/ Área de Projecto.....	34
3.4.2 Estudo Acompanhado	35
3.4.2 Educação para a Cidadania/ Formação Cívica.....	37
3.4.4 Tecnologias de Informação e Comunicação	38
3.5 Formação de professores.....	39
3.6 Avaliação do projecto	42
4. Sucesso Escolar	45
5. Considerações finais	48

1. Introdução

1.1 Enquadramento

Na sequência do projecto de **reflexão participada sobre os currículos do ensino básico** iniciou-se no ano 1997/98 o **projecto de gestão flexível do currículo** no âmbito do qual, e durante os últimos quatro anos, as escolas foram convidadas a desenvolver processos de gestão curricular no quadro de uma diferenciação e flexibilização que se enquadrasse nos contextos concretos de cada realidade escolar.



O desenvolvimento destes projectos implicou, por parte das escolas, um grande sentido de responsabilidade e profissionalismo protagonizando, através de um trabalho colaborativo, a concepção, implementação e avaliação de processos de gestão curricular, adaptados aos alunos com que trabalham diariamente.

No sentido de recolher informações sobre as práticas de gestão curricular e as dificuldades/soluções que as escolas experimentaram durante a implementação do projecto, foi elaborado, no ano lectivo 1999/2000, um guião/observatório e, posteriormente, solicitado o seu preenchimento.

À semelhança do ano transacto, e depois de algumas adaptações facilitando o seu preenchimento, foi utilizado no ano lectivo 2000/2001 o mesmo guião/observatório.

Com base nos dados recolhidos foi elaborado o presente relatório onde se pretende por um lado, sintetizar as experiências vividas e, por outro lado, reflectir sobre as práticas ensaiadas pelas escolas, perspectivando a generalização da reorganização curricular.

1.2 Esquema metodológico

O presente relatório baseia-se nas respostas devolvidas pelas escolas utilizando um guião/observatório elaborado para o efeito (Anexo1) e que foi enviado pelo Departamento de Educação Básica no final do ano lectivo transacto.

O guião/observatório contempla dois tipos de questões: um que procede ao levantamento de dados susceptíveis de serem tratados parametricamente, como é o caso do número de professores e alunos implicados no projecto; outro que pretende fazer uma síntese das dificuldades/soluções experimentadas pelas escolas na implementação dos projectos de flexibilização curricular.

Do universo das escolas que integraram no ano lectivo 2000/2001 o Projecto de Gestão Flexível do Currículo (183 escolas), foram apenas considerados os 159 guiões/observatório, remetidos em tempo útil para se proceder ao respectivo tratamento.

Daí os resultados apresentados, só se poderem referir a 86.9% do total de respostas possíveis. A tabela nº 1 apresenta, de forma sucinta, a abrangência das respostas das escolas (frequência absoluta e relativa) por região.

	Nº escolas na GFC (2000/2001)	Guiões recebidos Frequência absoluta	Guiões recebidos Frequência relativa %
DREN	45	40	88.9%
DREC	45	37	82.2%
DREL	70	59	84.3%
DREAL	16	16	100%
DREALG	7	7	100%
TOTAL	183	159	86.9%

Tabela Nº. 1 – Frequência e frequência relativa do total de respostas ¹

O tratamento dos dados implicou, naturalmente, a transcrição das respostas abertas para protocolos escritos (unidades de registo), sendo, posteriormente, transformados em dados susceptíveis de serem trabalhados e analisados.

Recorreu-se, posteriormente, à análise de conteúdo visando a categorização dos discursos. Após o inventário das categorias relevantes do conteúdo das respostas, através de uma análise indutiva, foi considerada a frequência relativa (percentagem) como medida da intensidade com que as categorias surgem no discurso.

Nas questões fechadas, utilizaram-se técnicas estatísticas descritivas e não paramétricas (qui-quadrado), aquando do cruzamento das variáveis. Para estes e outros cálculos utilizou-se o software SPSS versão 10. (valor α considerado = .05)

¹ As 24 escolas que não foram susceptíveis de tratamento foram escolas cujo guião não deu entrada nos serviços ou, por motivos vários, não chegou em tempo útil de ser tratado.

2. Caracterização das escolas com PGFC

2.1 Caracterização das Escolas ou Agrupamento de Escolas

Como foi referido no sub-capítulo anterior, o presente relatório foi elaborado com base nas respostas remetidas pelas 159 escolas que, assim, constituíram a amostra deste trabalho.

Na tabela nº 2 pode observar-se a distribuição das escolas segundo a sua tipologia, aspecto este que, como se verá adiante, se torna pertinente observar no cruzamento com outras variáveis.

		tipo ESCOLA / AGRUPAMENTO					Total
		EB1	EB23	ES/3ºciclo	EBI	AG. Vertical	
região	DREN	5	21	3	3	8	40
	DREC	1	20	5	4	7	37
	DREL	4	30	13	3	9	59
	DREAL	1	8	1	5	1	16
	DREALG		2		3	2	7
Total		11	81	22	18	27	159

Tabela Nº 2 - Distribuição das escolas segundo o tipo de Escola/Agrupamento

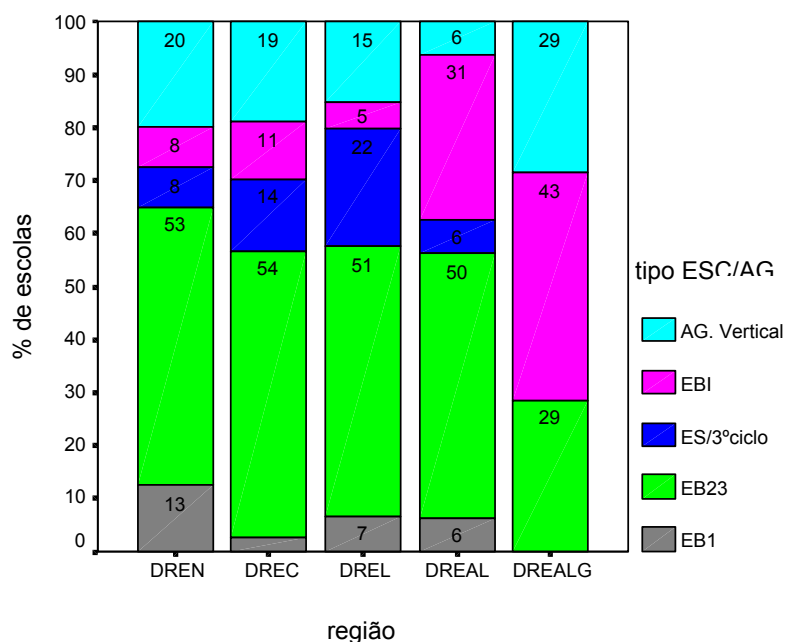


Figura Nº 2 – Percentagens de escolas por tipo e região

A participação no projecto de Gestão Flexível do Currículo foi mais frequente nas escolas do 2º e 3º ciclos, aspecto este, comum a todas as regiões (excepto Algarve). As escolas do 1º ciclo, tal como se verificou nos anos lectivos transactos, são as que assumem menor expressão, facto que nos deve conduzir ao questionamento desta evidência.

Para uma análise mais cuidada tornou-se pertinente observar a experiência das 159 escolas no âmbito do projecto de gestão flexível do Currículo (tabela nº3).

Escolas em GFC / Anos de experiência

	Frequência	Percentagem
1 ano	81	50,9
2 anos	55	34,6
3 anos	20	12,6
4 anos	3	1,9
Total	159	100,0

Tabela nº 3 – Número de escolas por anos de experiência (números relativos às 159 escolas, que constituíram a amostra) ²

² Refira-se que do total de escolas em GFC (183 escolas), 10 estão no projecto há quatro anos, 23 há três anos, 60 há dois anos e 90 há apenas um ano.

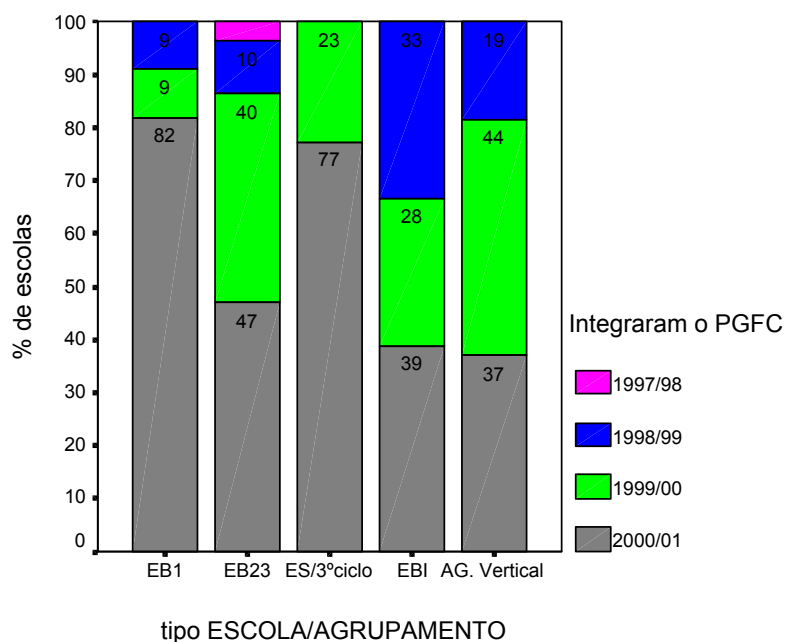


Figura Nº 3 – Percentagem de escolas novas em cada ano do PGFC (números relativos às 159 escolas, que constituíram a amostra).

Observando a tabela nº 3 e a figura nº 3 verifica-se que houve um aumento de novas escolas a aderirem ao projecto de ano para ano.

No ano lectivo de 2000/01 registou-se, até, um aumento significativo nas regiões de Lisboa, Centro e Alentejo. Este dado parece demonstrar um interesse crescente das escolas na adesão ao projecto, que poderá ser explicado pela expectativa em relação à reorganização curricular.

Tal como já referido em relatórios de anos anteriores é no 2º Ciclo, (tabela nº 4) que se verifica a maior incidência em GFC, salientando-se ainda, o ano inicial do 3º ciclo (7º ano).

		Número de Escolas
1ºCiclo	2º ano	39
	3º ano	39
	4º ano	40
2ºCiclo	5º ano	117
	6º ano	78
3ºCiclo	7º ano	78
	8º ano	43
	9º ano	31

Tabela Nº 4 – Número de escolas por ano de escolaridade

2.2 Recursos Humanos disponíveis

Das 159 escolas, 85,5% referem a existência de uma Associação de Pais.

Relativamente às equipas de *SPO* verifica-se que 64.2% do total de escolas referem a presença de psicólogo, parecendo mais expressiva nas básicas dos 2º e 3º ciclos, independentemente do agente contratador e do tempo (total/parcial) que dedica a cada escola.

Apenas 14,5% do total de escolas referem a existência de professores conselheiros e/ou de técnicos de serviço social. É no 1º ciclo que essa ausência mais parece verificar-se ³.

A maioria das escolas refere a presença de professores de apoio (138 escolas – 75,4%).

³ No entanto, verifica-se que é possível interpretar o Teste de Independência do qui-quadrado concluindo-se que não existe relação, estatisticamente, significativa entre a existência de uma Associação de Pais, psicólogo, mediadores ou animadores e o tipo de Escola (sig.'s > .05). Isto significa que a resposta a estas questões é independente do tipo de escola.

Destas, 90% indicam usufruir do apoio de um a cinco, 8% de seis a dez e 2% mais de dez professores (figura nº 4) ⁴.

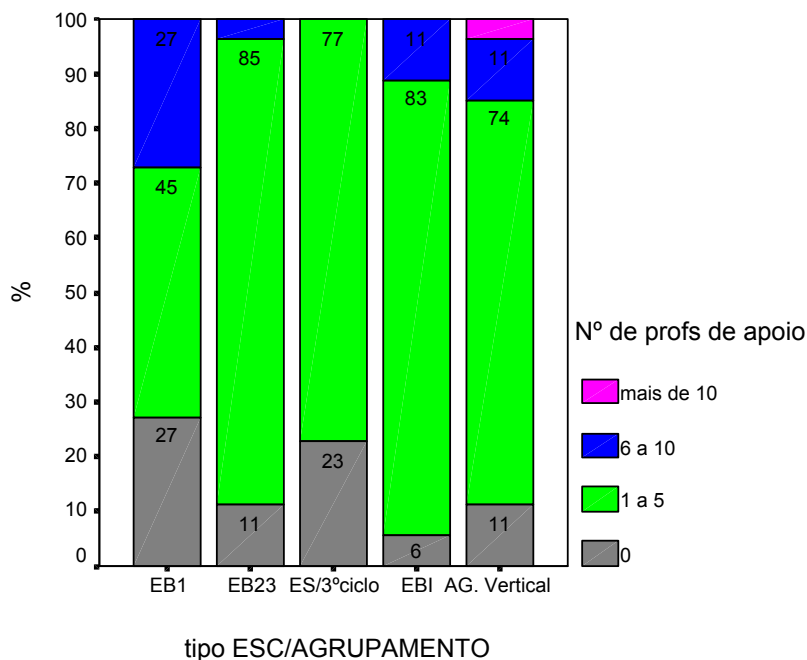


Figura Nº 4 – Percentagem de professores de apoio por tipo de escola/agrupamento

Relativamente aos mediadores apenas 4.4% das escolas regista a sua presença.

No total de escolas, 25,2% considera ter o apoio de animadores.

A falta de elementos a este respeito relativos aos anos anteriores não permite fazer extrapolações sobre o aumento ou diminuição do número destes técnicos especializados e da forma e medida como os mesmos intervêm na escola. Este facto não invalida, como se verá adiante, que as escolas considerem a presença destes técnicos como facilitadora da consecução de muitos projectos e um apoio à diferenciação pedagógica.

⁴ Refira-se que apesar da significância ($\text{sig.} = .04 < .05$) associada ao Teste de Independência do qui-quadrado levar a rejeitar a hipótese da independência entre o número de professores de apoio e o tipo de escola existem mais de 65% de células com frequências esperadas inferiores a 5, colocando, assim, restrições à leitura indutiva dos resultados.

Relativamente ao número de professores envolvidos a tabela nº 5 regista o total assinalado pelas escolas. No entanto, este número deverá ser interpretado por defeito, uma vez que 8% das escolas não responderam à solicitação de preenchimento destes dados. Salvaguardando este facto, não quisemos deixar de os apresentar.

Professores envolvidos		Professores destacados
714		139 (19,5%)
	1º ciclo	
3256	2º ciclo	269 (8,3%)
2178	3º ciclo	135 (6,2%)

Tabela Nº 5 – Número de professores envolvidos e destacados no projecto

2.3 Outros projectos/programas em que as Escolas se encontram envolvidas.

Além do projecto de gestão flexível do currículo as escolas envolveram-se em vários outros projectos. Na tabela nº6 e na figura nº 5, e de uma forma global, observa-se que o Desporto Escolar e as bibliotecas escolares são os projectos mais privilegiados.

Também a categoria “outros” revela uma frequência relativa elevada de outros projectos, nomeadamente, Ciência Viva, Prosep-Clube da Floresta, ateliers, Programa de promoção e Educação para a saúde, ECO – escolas, etc.

Projectos	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
Curriculos alternativos	0	1	1	0	12	18	20	29	25
Cursos Educação Formação (9º+1)	0	0	0	0	0	0	0	0	20
Programa 15-18	0	0	0	0	0	0	8	3	0
TEIP	13	13	13	13	13	13	11	12	12
Alfa	7	7	7	8	4	3	1	1	1
Comenius	5	8	7	7	14	16	20	24	23
Nónio	3	4	6	5	18	18	27	27	28
Bibliotecas Escolares	24	25	25	25	49	50	64	63	63
Desporto Escolar	14	16	17	15	108	107	130	126	125
Outros	30	31	33	37	58	61	65	62	59

Tabela Nº 6 – Número de escolas envolvidas em outros projectos/programas por ano de escolaridade

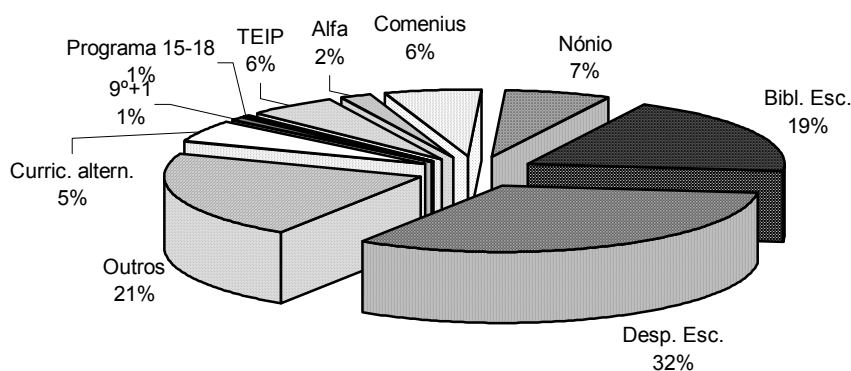


Figura Nº 5 – Frequência relativa das escolas por projecto/programa

3. Organização e desenvolvimento do Projecto de Gestão Flexível do Currículo

3.1 Abrangência – Alunos envolvidos

Desde o início do projecto de gestão flexível (1997/98) que o número de escolas aumenta de ano escolar para ano escolar, facto que, por si só, faz, naturalmente, aumentar o número de alunos envolvidos.

A tabela nº 7 revela que é no 2º ciclo, facto já referido anteriormente, que o projecto de GFC incide com mais relevância.

	Ano	Número de Alunos
1ºCiclo	2º ano	3523
	3º ano	3557
	4º ano	3721
2ºCiclo	5º ano	23360
	6º ano	17052
3ºCiclo	7º ano	13162
	8º ano	6682
	9º ano	2513
TOTAL		75570

Tabela nº 7 - Número de alunos envolvidos no projecto de GFC⁵

⁵ Os números apontados devem ser interpretados por defeito uma vez que algumas escolas não preencheram os quadros na sua totalidade. Não foi considerado o 1º ano, pois os dados, retirados do anexo 2 do guião cujo objectivo principal é tirar ilações sobre o sucesso escolar, não os contemplava (uma vez que no 1º ano não se prevêem retenções).

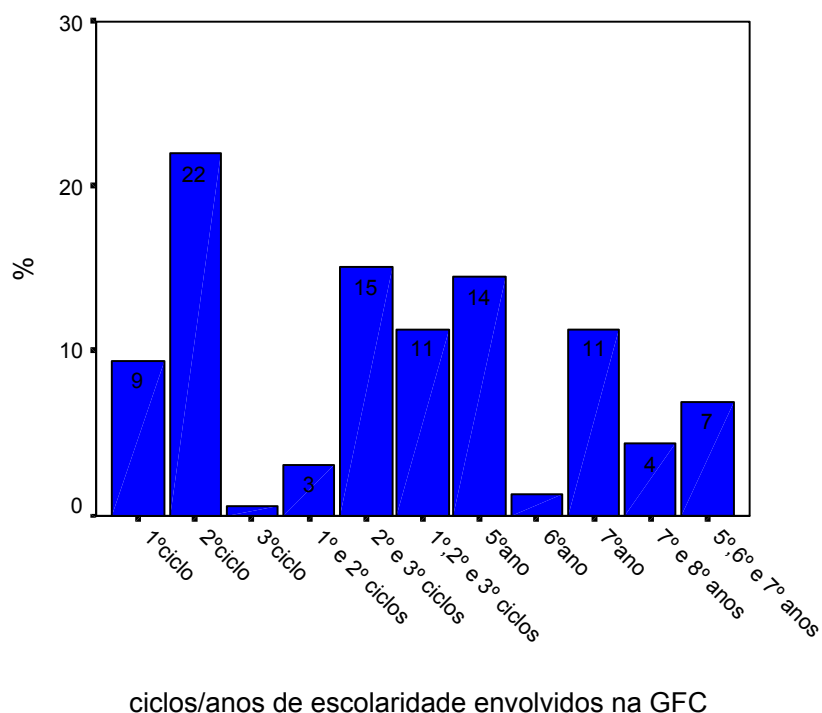


Figura Nº 6 – Percentagem das escolas por ciclos/anos de escolaridade envolvidos na GFC

Na figura nº 6, no entanto, observa-se que, ao contrário de outros anos lectivos, as escolas, na sua maioria abrangeram no projecto:

- Um ciclo completo (32% das escolas)
- Dois ciclos completos (18,2 % das escolas)
- Três ciclos completos (11,3% das escolas).

Apenas 38,5% das escolas optaram por anos de escolaridade sem privilegiar o ciclo completo.

3.2 Processo de Concepção e implementação

3.2.1 Justificação da apresentação do projecto

Como justificação da apresentação do projecto de GFC, a *adequação do currículo às necessidades dos alunos* (92,5%) o *insucesso dos alunos* (71,7%) e o *abandono escolar* (39%) ⁶ são os motivos mais salientados (figura nº7). Recorrendo à análise de conteúdo, verificou-se que os 27% registados em “outras justificações” apontaram “*a pouca participação dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos*” (25,0%), “*a preparação para a generalização da reorganização curricular*” (30,4%) e a “*necessidade de melhoria da qualidade de ensino*” (34,7%), como as categorias mais frequentes ⁷.

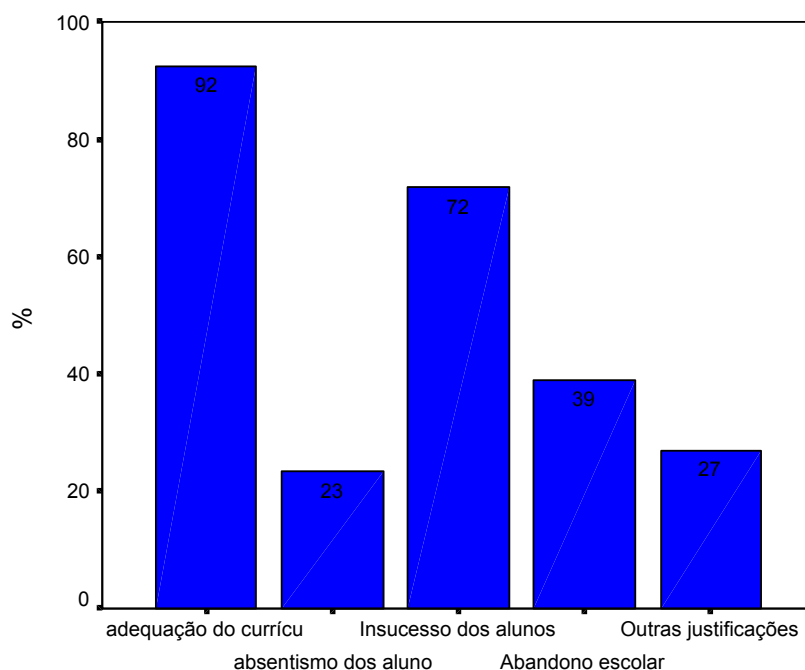


Figura Nº 7 – Justificações da apresentação do projecto (percentagem)

Os dados apresentados (figura nº 7) parecem indicar que as expectativas das escolas em relação à implementação do projecto de GFC se focalizam na tentativa de resolução dos

⁶ Neste caso é possível interpretar o Teste de Independência do qui-quadrado, concluindo-se que existe relação, estatisticamente significativa entre a justificação “abandono escolar” e o tipo de escola (sig.=.01<.05). Isto significa que a escolha da justificação “abandono escolar” não é independente do tipo de escola que a refere (nas escolas do 1º ciclo esta justificação nunca é referida).

⁷ Análise indutiva realizada com base nas descrições retiradas dos guiões.

problemas relativos ao insucesso escolar e/ou abandono escolar através da adequação do currículo às necessidades dos alunos.

3.2.2 Necessidades inerentes ao desenvolvimento do projecto GFC

Esta questão foi interpretada pelas escolas sob duas vertentes: por um lado, as necessidades inerentes sem as quais o projecto não poderia ser desenvolvido de uma forma sustentada, tendo as escolas, nesse sentido, envidado todos os esforços para os conseguir; por outro lado, as necessidades que, não supridas, se tornaram inibidoras de uma eficaz consecução do projecto. Independentemente dessa interpretação, a tabela Nº 7 revela as necessidades inerentes ao desenvolvimento do projecto em termos de formação, materiais de apoio e outras.

DIMENSÃO	CATEGORIAS		% ⁸
FORMAÇÃO	Professores	PCE e PCT	9,0
		TIC's	2,8
		Gestão/Desenvolvimento Curricular	13,0
		Pedagogia diferenciada	5,0
		Avaliação	3,0
		NAC's	16,1
	Aux. Acção Educativa		1,5
	Outros		1,2
MATERIAIS	Material de apoio às NAC's		7,1
	Documentação de apoio à GFC		8,4
	Material informático e áudio-visual		11,0
	Equipamento diverso		4,6
	Outros		1,6
OUTROS	Horas para reuniões semanais de CT		3,8
	Estabilidade do corpo docente		3,0
	Recursos materiais e/ou humanos		7,4
	Outros		1,6

Tabela Nº 8 - Necessidades inerentes ao projecto⁹

⁸ O somatório poderá não resultar em 100% devido aos arredondamentos.

⁹ Análise indutiva realizada com base nas descrições retiradas dos guiões.

3.2.3 Formas de divulgação e mobilização da comunidade educativa para o projecto GFC

Como se pode observar na figura nº 8 as escolas utilizaram, de um modo muito homogéneo, as formas de divulgação/mobilização da comunidade educativa.

Como se depreende foram as reuniões em grupos restritos e a informação escrita as formas de divulgação e mobilização que a comunidade educativa privilegiou.

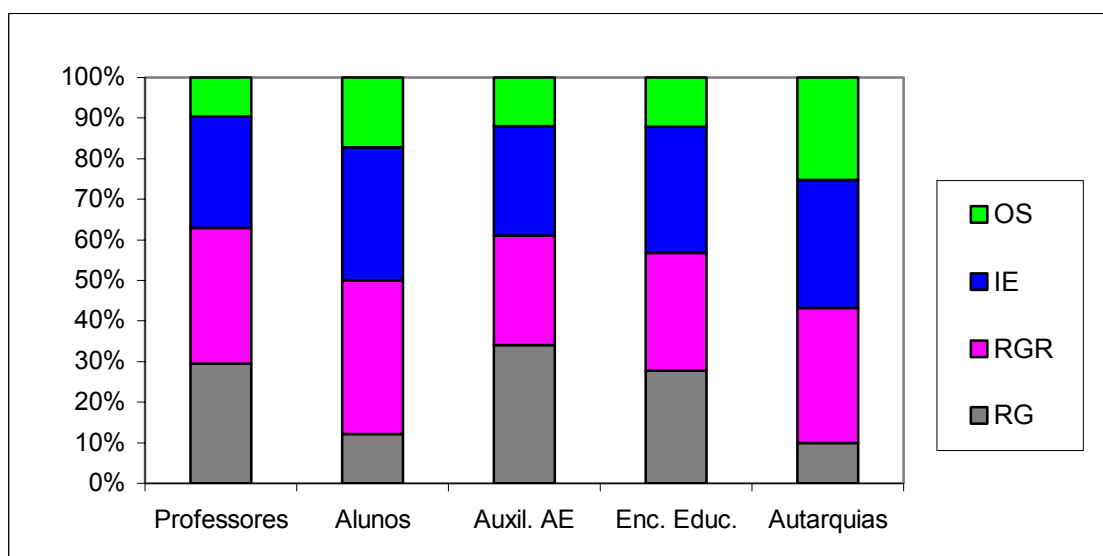


Figura Nº 8 - Formas de divulgação/mobilização da comunidade educativa¹⁰

¹⁰ Através de reuniões gerais (RG), reuniões grupos restritos (RGR), informação escrita (IE) e outras situações (OS).

3.3 Reflexos na organização da escola

3.3.1 Projecto Curricular de Escola e de Turma

Nesta questão do guião foi possível verificar que a maioria das escolas (49%) está ainda a elaborar o respectivo projecto curricular de escola. Apenas 28,9% das escolas refere ter já concluído (figura nº 9)

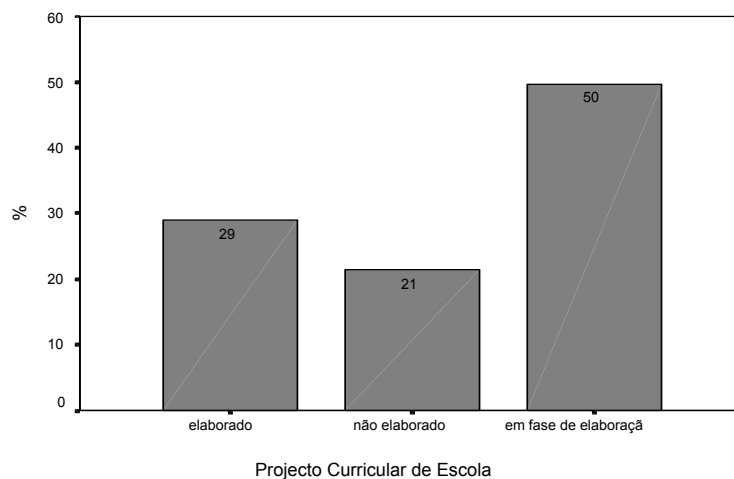


Figura Nº 9 - Elaboração do Projecto Curricular de Escola

No entanto, quando se referem ao projecto curricular de turma, a maioria das escolas (51,6%) indica tê-lo já elaborado na generalidade e 16,4% em algumas turmas.

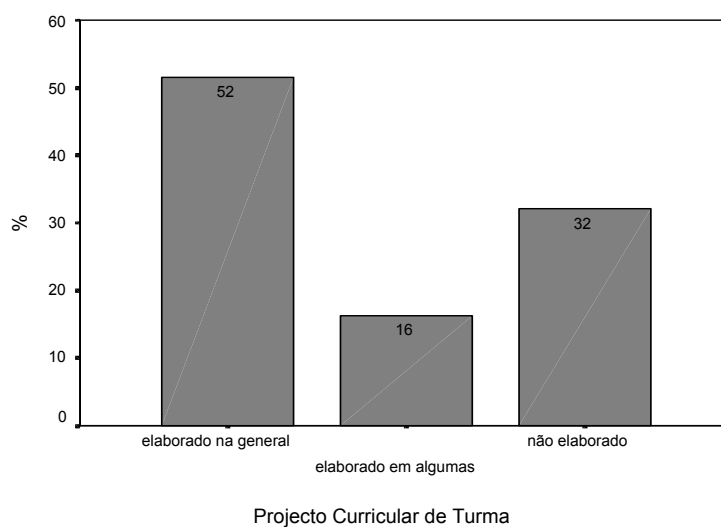


Figura Nº 10 - Elaboração do Projecto Curricular de Turma

Se compararmos a elaboração do Projecto Curricular de Escola com o de Turma verifica-se que um maior número de escolas ainda não elaborou o PCT (32,1%) relativamente ao PCE (21,4%).

Na figura nº 11 observa-se o cruzamento (em valor percentual) entre o nível de elaboração do PCT em função do PCE.

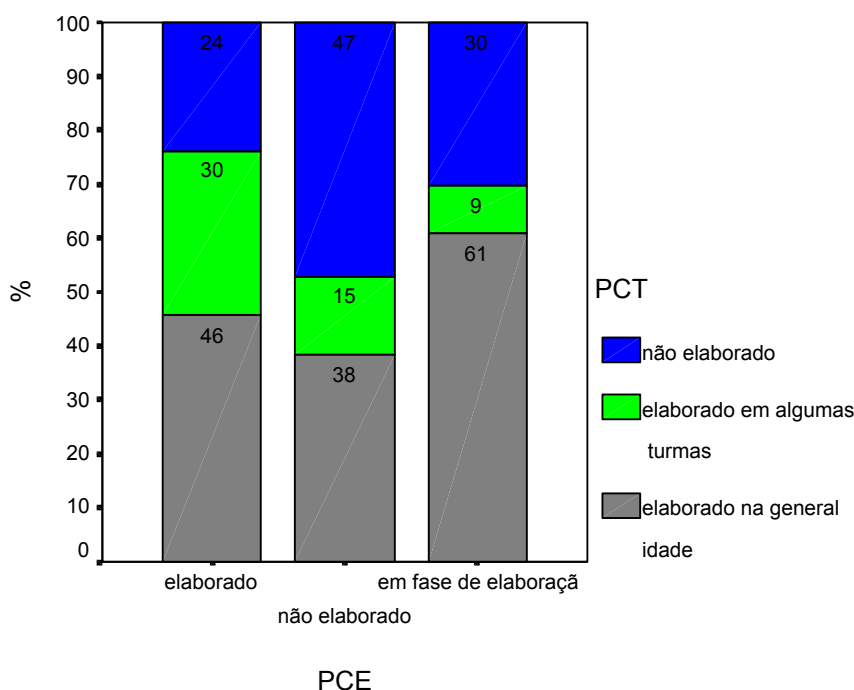


Figura Nº 11 - Elaboração do PCE em função do PCT

Assim, nas escolas onde o PCE está elaborado o PCT também está elaborado, na generalidade e em algumas turmas, em 76% das escolas.

Nas escolas onde o PCE não está elaborado o PCT já se encontra elaborado na generalidade ou em algumas turmas, em 53% das escolas.

Nas escolas onde o PCE está em fase de elaboração o PCT já se encontra elaborado, na generalidade ou em algumas turmas, em 70% das escolas.

Estas observações parecem induzir que as escolas partem para o Projecto Curricular de Escola depois da elaboração dos Projectos Curriculares de Turma ¹¹.

¹¹ Refira-se, no entanto, que neste caso é possível interpretar o Teste de Independência do qui-quadrado (não existem células com frequência esperada inferior a 5 e a frequência esperada mínima é 5,56) concluindo-se que existe relação, estatisticamente significativa entre o PCE e PCT (sig= .006<.05).

3.3.2 Desenho Curricular

Em relação à duração dos tempos lectivos as escolas optaram maioritariamente pelos 50'¹². Ao observarmos esta variável em relação ao tipo de escola verifica-se que são as escolas Básicas 2,3 e os agrupamentos verticais (38% e 53%, respectivamente) as que mais optaram pelos 90' e 45'.¹³

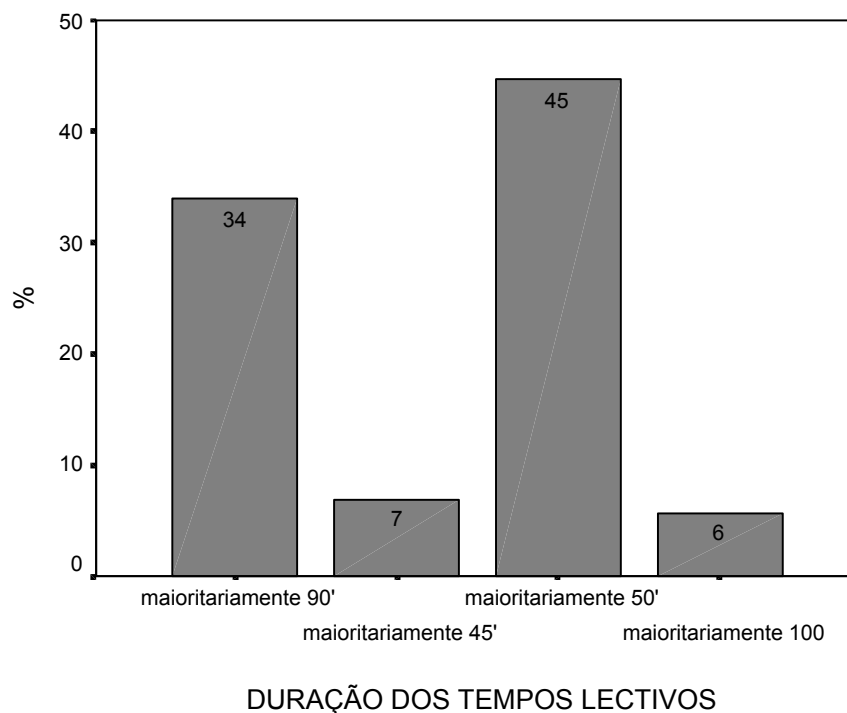


Figura Nº 12 - Percentagem de escolas por duração dos tempos lectivos

Ao cruzar os dados relativos à duração dos tempos lectivos com os anos/ciclos, implicados no projecto de Gestão Flexível do Currículo, verifica-se que são as escolas cuja

¹² Estes dados referem-se apenas ao 2º e 3º ciclos.

¹³ Refira-se que apesar da significância ($\text{sig.} = .000 < .05$) associada ao Teste de Independência do qui-quadrado levar a rejeitar a hipótese da independência entre a duração dos tempos lectivos e o tipo de escola existem mais de 60% de células com frequências esperadas inferiores a 5, colocando, assim, restrições à leitura indutiva dos resultados.

abrangência no projecto implica ciclos completos e não anos de escolaridade isolados, as que mais optaram pela duração dos tempos lectivos de 90' (figura nº 13).¹⁴

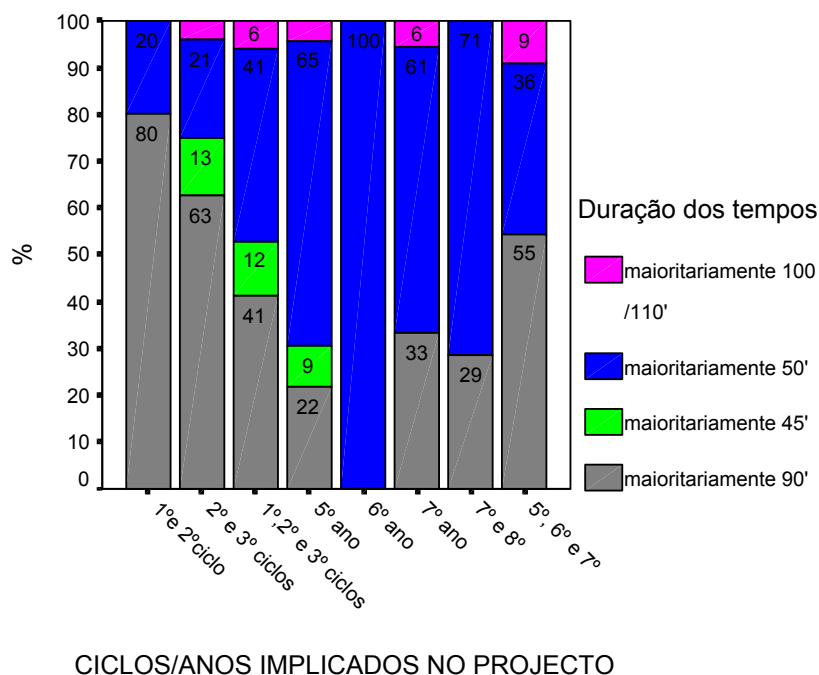


Figura Nº13 - Duração dos tempos lectivos por abrangência no projecto GFC

Este facto prender-se-á com condicionantes de ordem organizativa da própria escola que o facto de implicar no projecto toda a escola ou ciclos completos permite minimizar.

Nos sub-capítulos seguintes apresenta-se o desenho curricular relativamente à carga horária de cada uma das componentes curriculares. Para facilitar a análise não se entrou em linha de conta com a duração dos tempos lectivos, assunto já tratado. Assim, na observação da carga horária, deve ser considerada, implicitamente, a duração de 50' ou 45' para cada tempo lectivo.

¹⁴ Refira-se que apesar da significância ($\text{sig.} = .000 < .05$) associada ao Teste de Independência do qui-quadrado levar a rejeitar a hipótese da independência entre a duração dos tempos lectivos e os ciclos/anos implicados, existem mais de 78,2% de células com frequências esperadas inferiores a 5, colocando, assim, restrições à leitura indutiva dos resultados.

3.3.2.1 – 1º Ciclo

As escolas do 1º ciclo apresentam, geralmente, um desenho curricular que integra de forma globalizadora as áreas curriculares disciplinares e não disciplinares.

É referida, pela maioria das escolas, a atribuição de cinco horas às novas áreas curriculares. Relativamente à coadjuvação de algumas áreas (disciplinares e não disciplinares) sempre que as escolas têm recursos para as poder desenvolver, são referidos os tempos em que as mesmas acontecem e que, embora desenvolvidas pelo professor titular da turma e um outro professor se realizam dentro do horário lectivo.

No que diz respeito á EMR e às actividades de enriquecimento curricular - iniciação a uma língua estrangeira (em 45% das escolas) e introdução à informática (15% das escolas)- há escolas onde as mesmas, se desenvolvem no decurso do tempo lectivo de 25 horas. Outras há (22,5%) em que decorrem fora desta carga total semanal.

3.3.2.2 – 2º Ciclo

Nas figuras n.º 14 e n.º 15 pode observar-se, em termos percentuais por escola, a carga horária total semanal¹⁵ atribuída ao 5º e 6º ano, respectivamente.

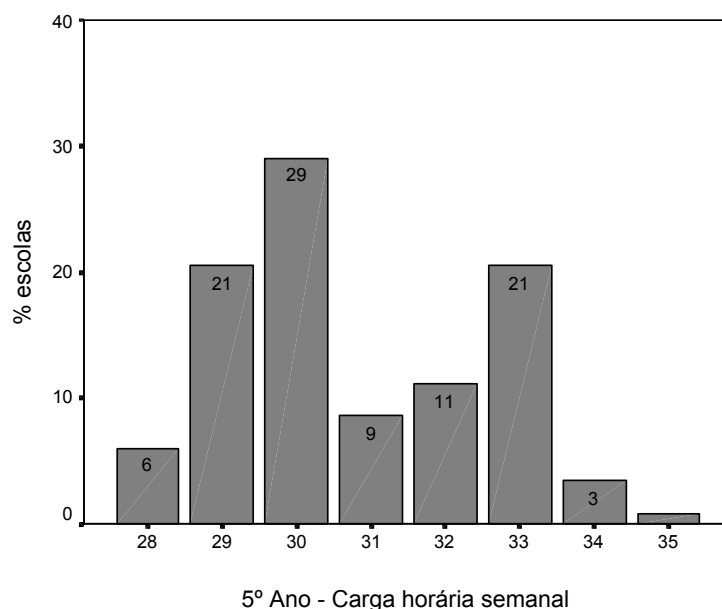


Figura nº 14 - Carga horária semanal por escola - 5º ano (percentagem)

¹⁵ Não incluiu EMR e Enriquecimento Curricular

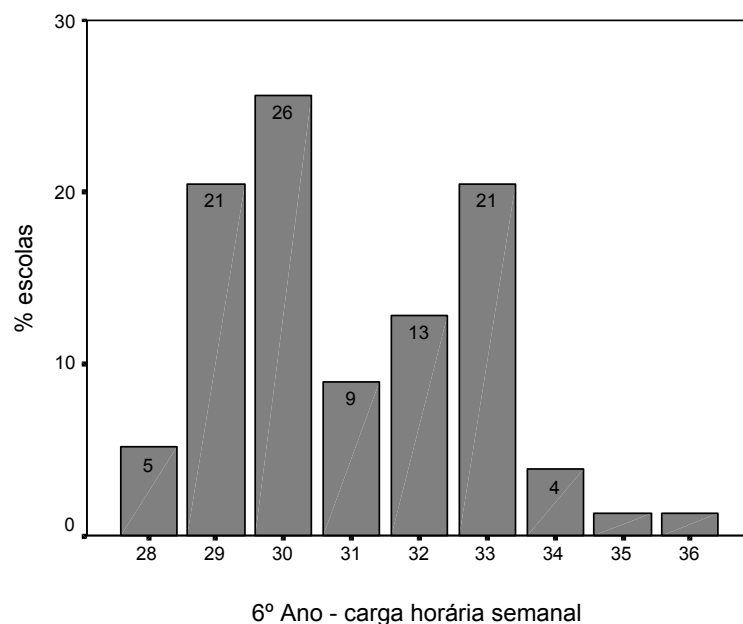


Figura Nº15 - Carga horária semanal por escola – 6º ano (percentagem)

Relativamente à carga horária semanal por área curricular disciplinar/área curricular não disciplinar as escolas optaram, maioritariamente, como se observa também na figura nº16 por um desenho curricular tradicional no 5º e 6º ano, apesar de se verificar no 6º ano uma maior dispersão nas opções.

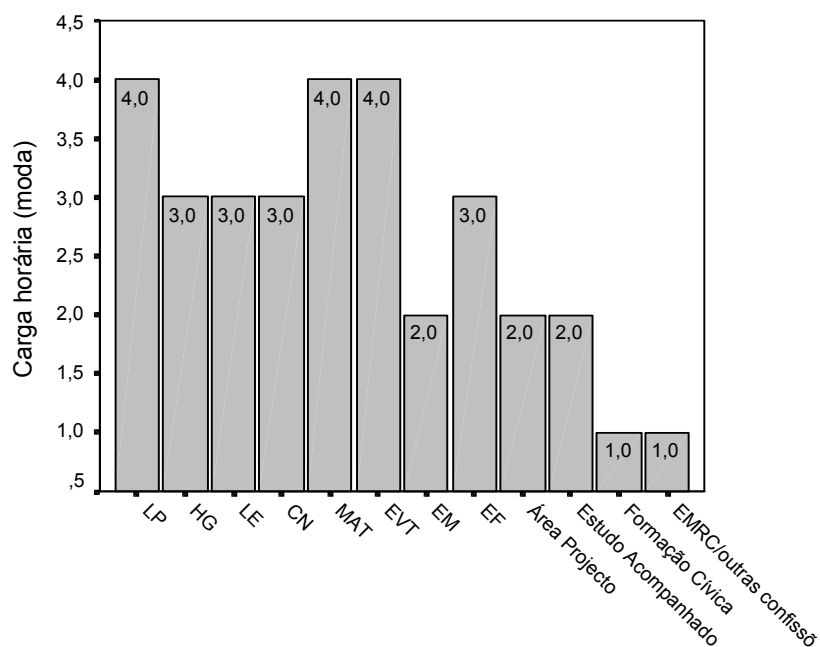


Figura Nº 16 - Carga horária semanal por área curricular disciplinar e não disciplinar -5º e 6º ano (moda)

Na distribuição de serviço docente (Figura nº 17), a maioria das escolas não optou por um só professor a leccionar as disciplinas da mesma área em cada turma. No entanto, é o grupo 04 (Mat/CN) aquele que mais utiliza o mesmo professor para ambas as disciplinas (50%). Ressalve-se o aspecto positivo das escolas caminharem já no sentido da diminuição do número de professores por Conselho de Turma, facto que, anteriormente não se verificava nesta medida. Aliás, é um aspecto que as escolas, como se verá adiante, consideram muito positivo e que, como elas afirmam, decorre do PGFC.

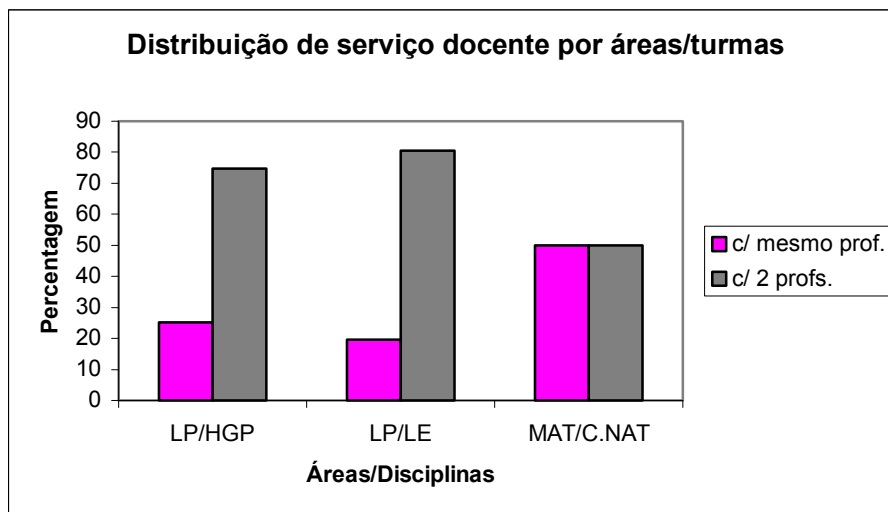


Figura Nº 17 - Utilização do mesmo professor ou de dois professores por área curricular e por escola (percentagem)

3.3.2.3 - 3º Ciclo

No 3º ciclo e como se pode observar pela tabelas Nº 9, 10 e 11 existe um painel muito alargado na opção das escolas em relação à carga horária semanal que tem, necessariamente, a ver com o desenho curricular pelo qual optaram. Lembramos que a EMR e as actividades de enriquecimento curricular não estão integradas neste número.

Total

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
28	3	1,9	3,8
29	4	2,5	9,0
30	18	11,3	32,1
31	10	6,3	44,9
32	5	3,1	51,3
33	7	4,4	60,3
34	16	10,1	80,8
35	9	5,7	92,3
36	3	1,9	96,2
37	2	1,3	98,7
38	1	,6	100,0
Total	78	49,1	

Tabela Nº 9 - Carga horária semanal por escola (7º ano)

Nas figuras Nº 18, 19 e 20 pode observar-se a carga horária por área curricular disciplinar/área curricular não disciplinar pela qual a maioria das escolas optou (independentemente da carga horária total).

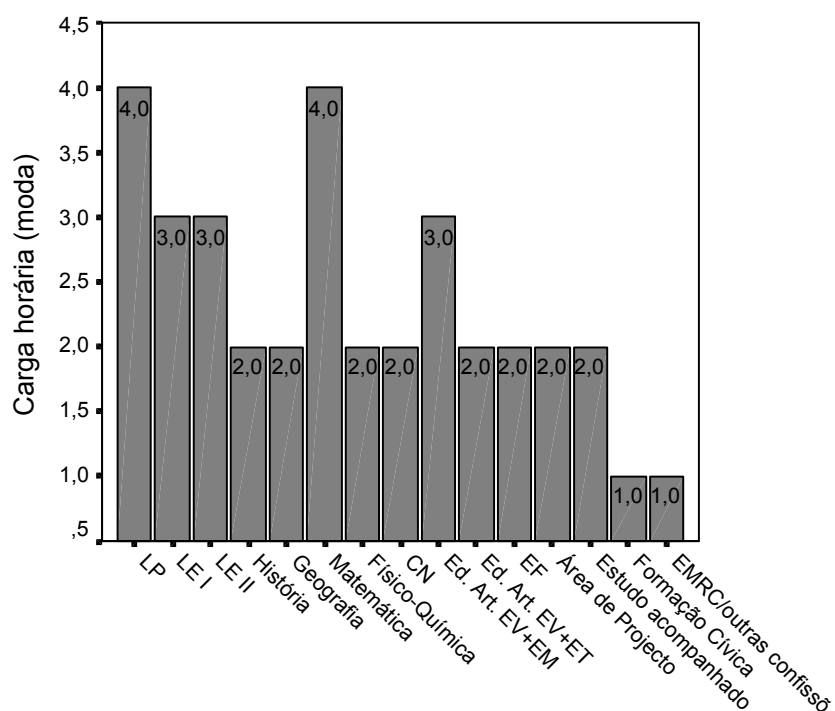


Figura Nº 18 - Carga horária semanal por área curricular disciplinar e não disciplinar – 7º ano (moda)

Total

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
28	1	,6	2,3
29	1	,6	4,5
30	13	8,2	34,1
31	4	2,5	43,2
32	2	1,3	47,7
33	5	3,1	59,1
34	11	6,9	84,1
35	4	2,5	93,2
37	1	,6	95,5
38	2	1,3	100,0
Total	44	27,7	

Tabela Nº 10 - Carga horária semanal por escola (8º ano)

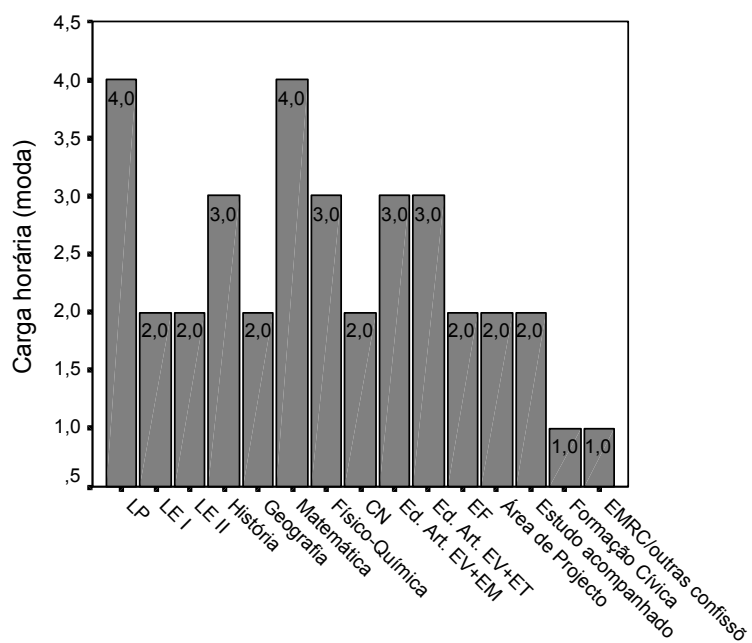


Figura Nº 19 - Carga horária semanal por área curricular disciplinar e não disciplinar – 8º ano (moda)

	Frequência	Percentagem	Percentagem acumulada
27	1	3,2	3,2
29	2	6,5	9,7
30	8	25,8	35,5
31	2	6,5	41,9
32	2	6,5	48,4
33	4	12,9	61,3
34	7	22,6	83,9
35	2	6,5	90,3
37	1	3,2	93,5
38	2	6,5	100,0
Total	31	100,0	

Tabela Nº 11 - Carga horária semanal por escola (9º ano)

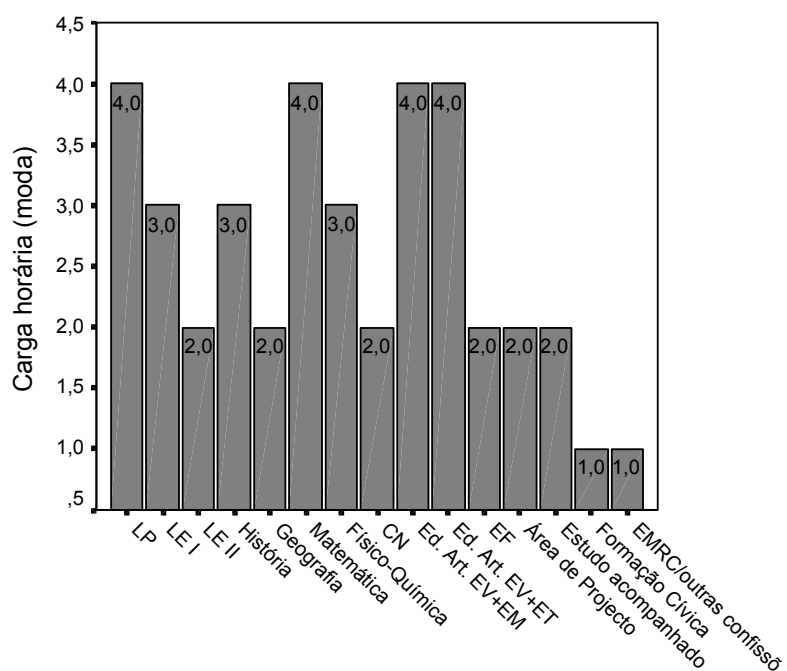


Figura Nº20 - Carga horária semanal por área curricular disciplinar e não disciplinar – 9º ano (moda)

De uma forma global, as cargas horárias semanais, considerando os tempos lectivos organizados em blocos de 90', vão ao encontro do estipulado no Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro. Em relação à carga horária por área curricular disciplinar/não disciplinar verificou-se que no 2º ciclo as escolas optaram por um desenho de acordo com o

regulamentado. No entanto, no 3º ciclo a área disciplinar *Educação Física* revelou uma diminuição de meio tempo (45') em todos os anos de escolaridade resultando numa diminuição total de 1,5 no total do 3º ciclo. As áreas *Educação Artística e Educação Tecnológica* (colocadas em conjunto no guião) revelaram um acréscimo, principalmente no 9º ano de escolaridade.

3.3.3 Articulação curricular

Na articulação entre ciclos¹⁶ as escolas referem, de uma forma global, muitas dificuldades nesta matéria. Ao observar-se a figura nº21, no entanto, verifica-se que, à excepção do 3º ciclo, a maioria das escolas realiza a articulação curricular, apesar do grande número que ainda não o faz.

Pode observar-se também que são as escolas secundárias com 3º ciclo as que referem mais dificuldades na articulação curricular.

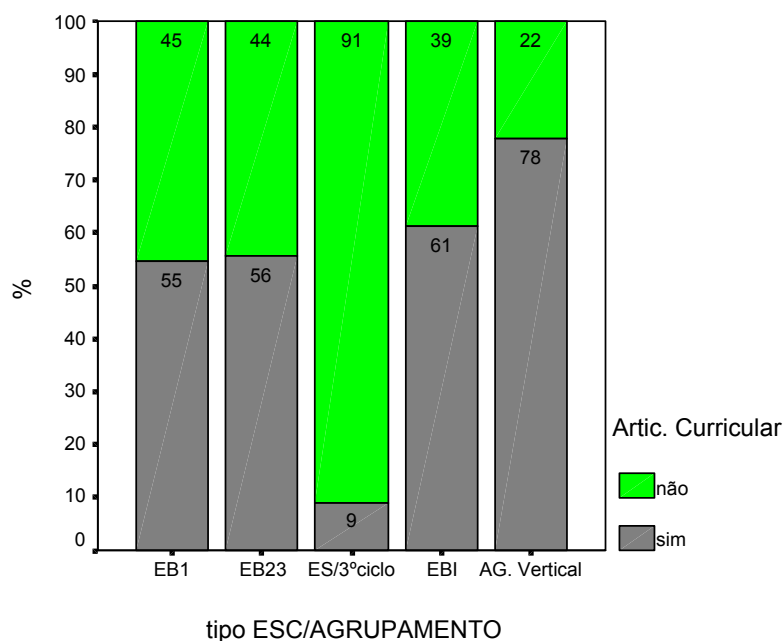


Figura Nº 21 - Articulação curricular em função do tipo de escola/agrupamento

¹⁶ Neste caso é possível interpretar o Teste de Independência do qui-quadrado, concluindo-se que existe relação, estatisticamente significativa entre a articulação curricular e o tipo de escola ($\text{sig.} = .000 < .05$). Isto significa que a articulação curricular não é independente do tipo de escola que a refere.

A reunião interciclos realizada no início do ano lectivo (24,5%) e as reuniões interdepartamento curricular, dentro da mesma escola, (40,5%) são as formas mais mencionadas pelas escolas na operacionalização da articulação curricular.

3.3.4 Envolvimento no Projecto de GFC

No presente sub-capítulo é observado o envolvimento da escola em relação às várias tarefas a realizar no âmbito do PGFC.

Das três hipóteses colocadas no guião (*nenhum envolvimento, pouco envolvimento e muito envolvimento*) só se tomou em consideração a última - “muito envolvimento”.

- Elaboração do Projecto curricular de escola

A Direcção Executiva e o Conselho Pedagógico são os órgãos que mais se envolvem na sua elaboração (figura nº 22).

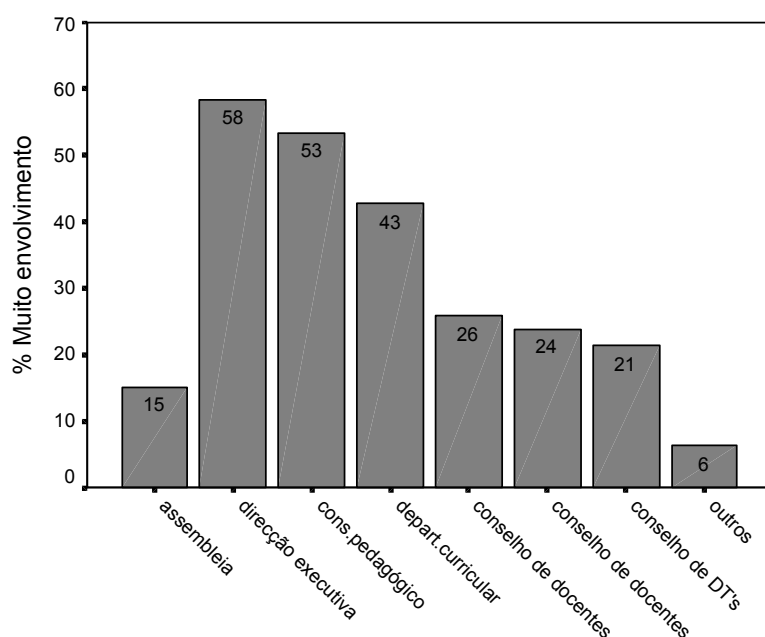


Figura Nº 22 - Envolvimento dos órgãos da escola na elaboração do PCE

- **Elaboração do Projecto Curricular de Turma**

Como seria de prever é o Conselho de Turma, o órgão que mais se envolveu na elaboração do PCT (figura nº 23).

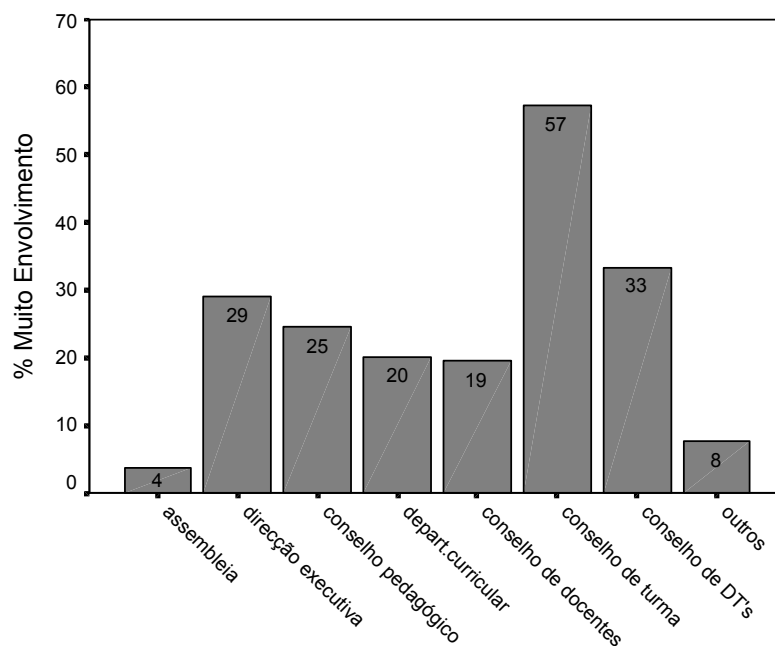


Figura Nº 23 - Envolvimento da escola na elaboração do PCT

- **Articulação entre disciplinas/áreas disciplinares**

São o Conselho de Turma e os Departamentos Curriculares (Figura nº 24) os que mais se envolveram na articulação entre as disciplinas, facto já referido atrás aquando das formas de articulação.

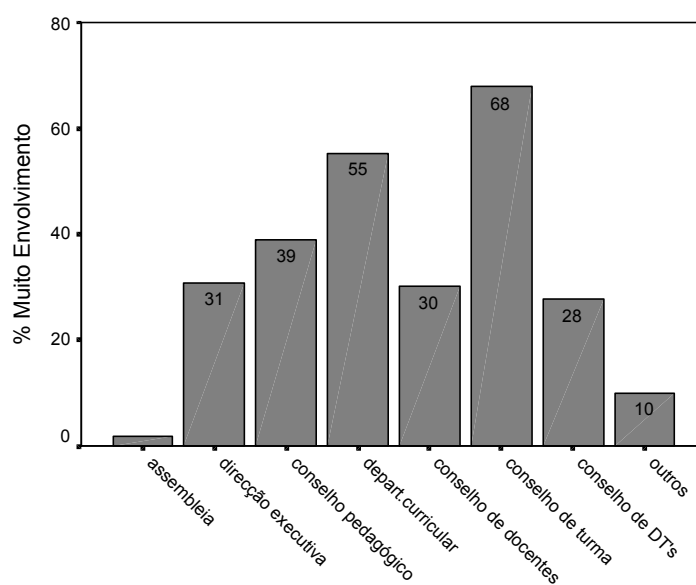


Figura Nº 24 - Envolvimento da escola na articulação entre as disciplinas

- **Articulação entre as áreas curriculares não disciplinares**

É o Conselho de Turma o órgão que, por excelência, mais se envolveu na articulação entre as áreas curriculares não disciplinares (Figura nº 25).

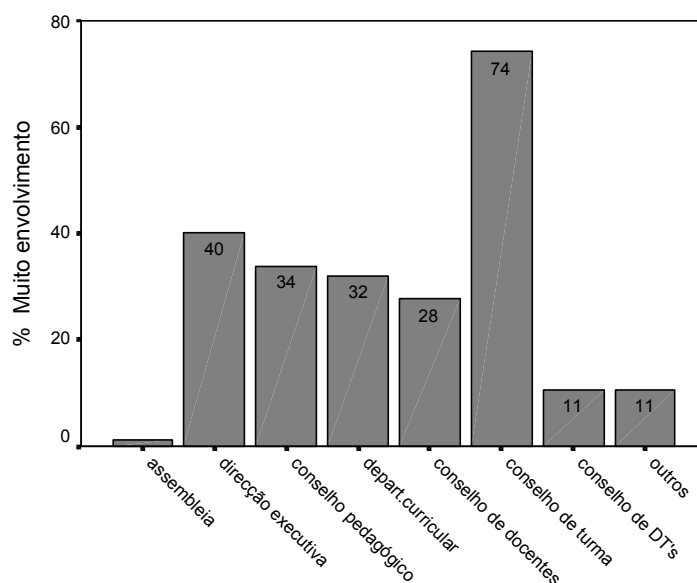


Figura Nº 25 - Envolvimento da escola na articulação entre as áreas curriculares não disciplinares

- **Articulação entre disciplinas e áreas curriculares não disciplinares**

Continua a ser o Conselho de Turma o órgão que mais se envolve na articulação entre disciplinas e áreas curriculares não disciplinares (figura nº 26).

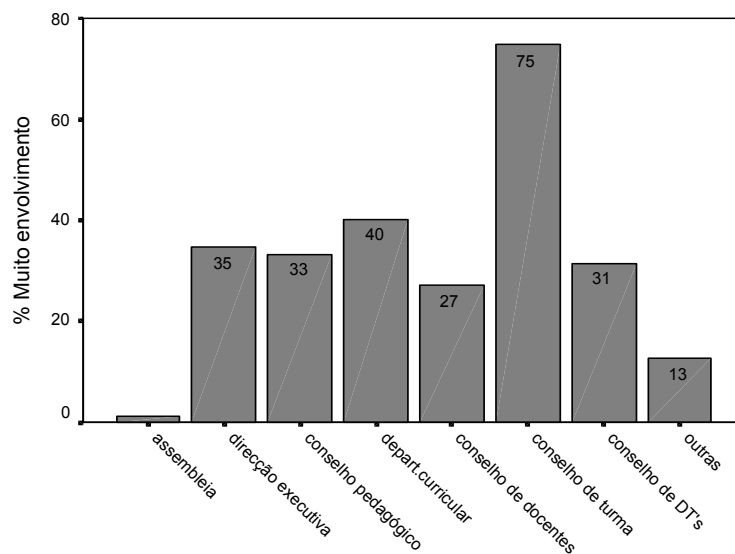


Figura Nº26 - Envolvimento da escola na articulação entre disciplinas e áreas curriculares não disciplinares

- Definição do Desenho Curricular

Na definição do desenho curricular não é o Conselho Pedagógico, como seria de esperar, o órgão que mais se envolve na definição do desenho curricular, mas sim a Direcção Executiva (figura nº 27).

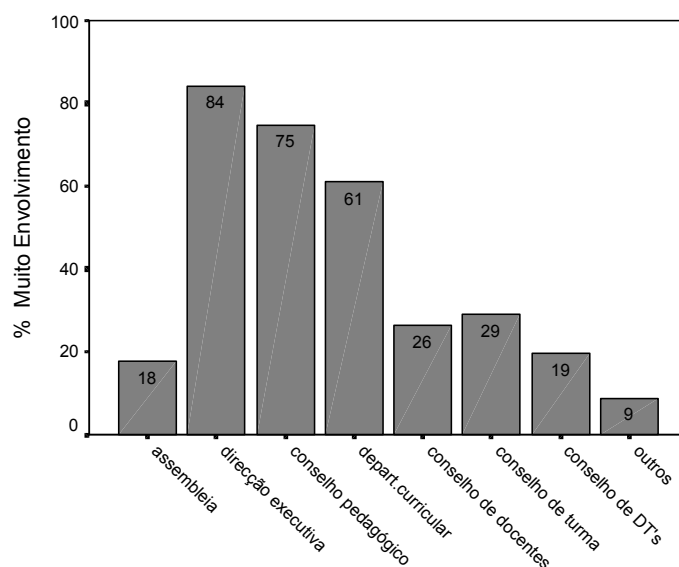


Figura Nº 27 - Envolvimento da escola na definição do desenho curricular

- Concepção e implementação do PGFC

Continua a ser a Direcção Executiva o órgão que mais se envolve na concepção e implementação do PGFC (figura nº 28).

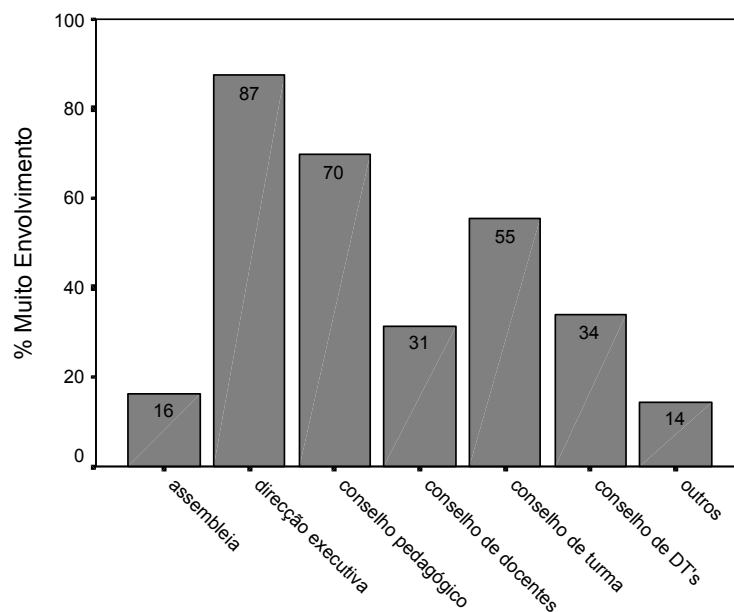


Figura Nº 28 - Envolvimento da escola na concepção e implementação do PGFC

- Avaliação do PGFC

Também na avaliação do PGFC é a Direcção Executiva o órgão da escola que mais se envolve.

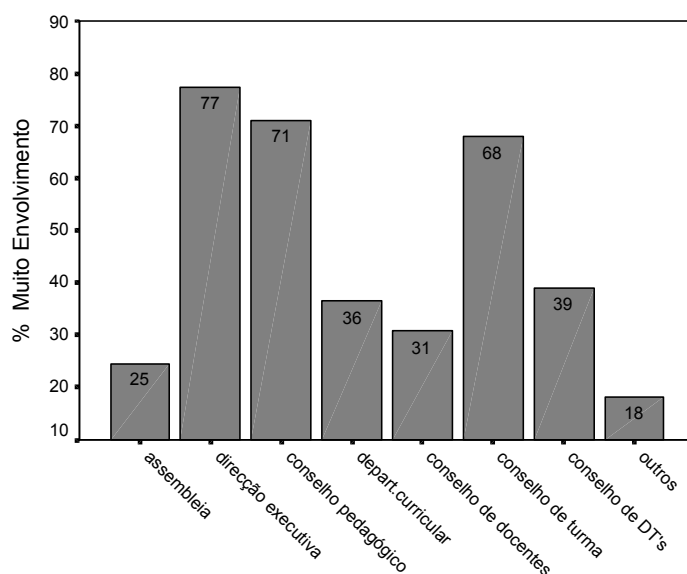


Figura Nº 29 - Envolvimento da escola na avaliação do PGFC

Curiosamente, o Conselho Pedagógico e o Conselho de Turma envolveram-se mais na avaliação do projecto do que na sua concepção e implementação (figuras nº 28 e nº29).

3.3.4 Funcionamento do Conselho de Turma

A maioria das escolas (50,9%) refere uma diminuição do número de professores por conselho de turma (figura nº 30). Os dados disponíveis não permitem justificar totalmente este facto, no entanto, e como se referiu anteriormente, a utilização do mesmo professor na leccionação do conjunto das disciplinas da mesma área poderá ter influenciado o aspecto agora tratado.

Número de professores por Conselho de Turma

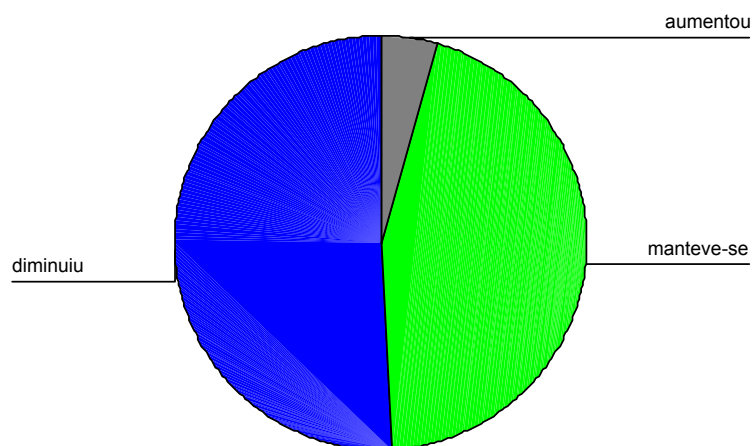


Figura Nº 30 - Respostas das escolas, em valor percentual, sobre o aumento ou diminuição do número de professores por Conselho de Turma

As características do projecto ao nível da flexibilização e articulação curricular exigem, da parte dos conselhos de docentes/conselhos de turma, reuniões periódicas. Esta necessidade está bem expressa na figura nº 31 verificando-se que apenas 29,6% das escolas reúne ocasionalmente. Como se verá adiante, as escolas apontam limitações de crédito horário nos horários dos docentes de forma a permitir períodos semanais de reflexão conjunta, períodos estes que consideram de vital importância (vide sub-capítulo – avaliação do projecto).

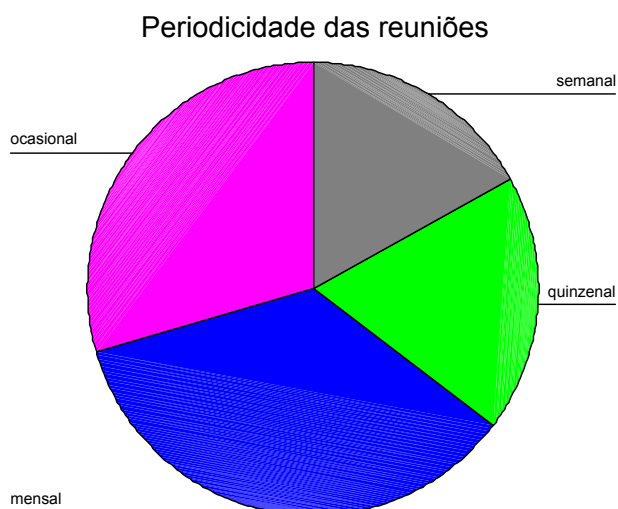


Figura Nº 31 - Periodicidade das reuniões dos Conselhos de Docentes/Conselhos de Turma

3.4 Gestão das áreas não disciplinares

3.4.1 Projecto Interdisciplinar/ Área de Projecto

Nas figuras nº32 e nº 33 pode observar-se que a distribuição da Área de Projecto por grupos de docência é muito equitativa, tanto no 2º como no 3º ciclos, não se verificando diferenças significativas entre os vários grupos .

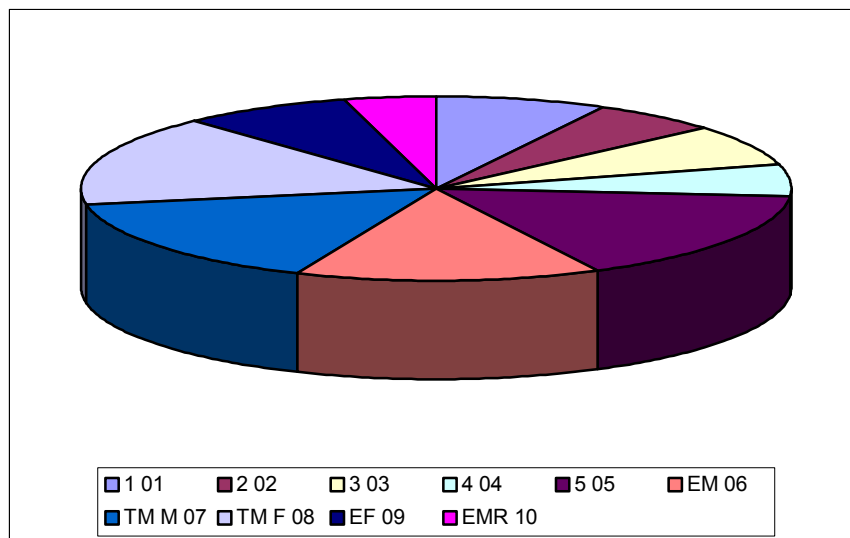


Figura Nº 32 - Distribuição dos grupos de docência (2º ciclo) na Área de Projecto

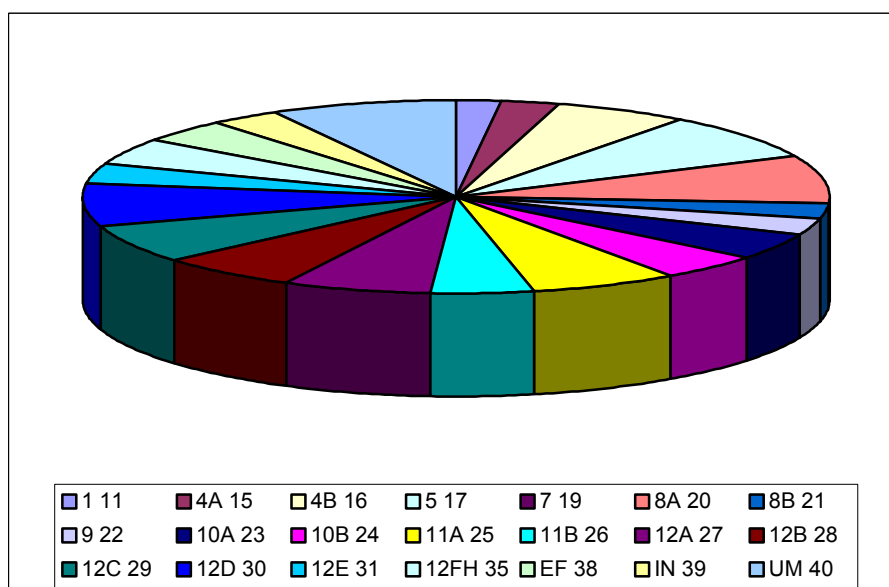


Figura Nº 33 - Distribuição dos grupos de docência (3º ciclo) na Área de Projecto

A maioria das escolas (84,9%) refere a organização da Área de Projecto em tempos lectivos seguidos.

Relativamente ao papel do Conselho de Turma, a figura nº34 revela que este não assume um papel preponderante tanto ao nível da tomada de decisões como na planificação. Paradoxalmente, o CT assume mais a responsabilidade da avaliação o que, sem dados adicionais, poderá parecer desajustado.

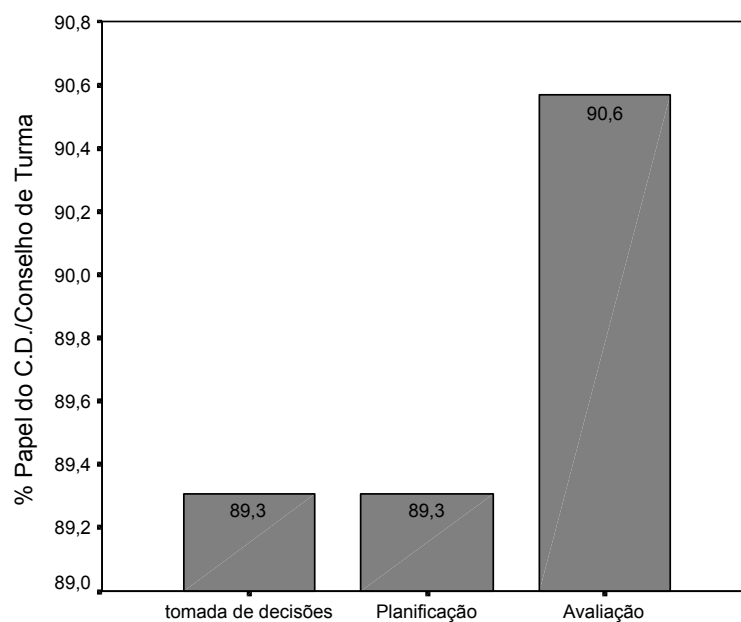


Figura Nº 34 - Papel do Conselho de Turma relativamente à Área de Projecto

3.4.2 Estudo Acompanhado

Ao observar as figuras nº35 e nº 36 detectam-se, de imediato, as diferenças na distribuição da área de Estudo Acompanhado, pelos vários grupos de docência.

Ao contrário do que acontece na Área de Projecto, são os grupos 1- 01, 2- 02, 3- 03 e 4- 04 no 2º ciclo e os grupos 1-11, 9-22, 8 A- 20, 8 B- 21 e 4 A- 15, ou seja, os grupos disciplinares de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Matemática no 2º ciclo, acrescido do grupo de Física-Química no 3º ciclo, os privilegiados na distribuição da área de Estudo Acompanhado. Esta questão poder-se-á dever a um conjunto largo de factores, apesar de nada na legislação vigente apontar neste sentido, motivo pelo qual, nos devemos questionar sobre os motivos que poderão ter levado a esta distribuição.

Esta situação não acontece, como se observou, na Área de Projecto onde a distribuição foi muito equitativa.

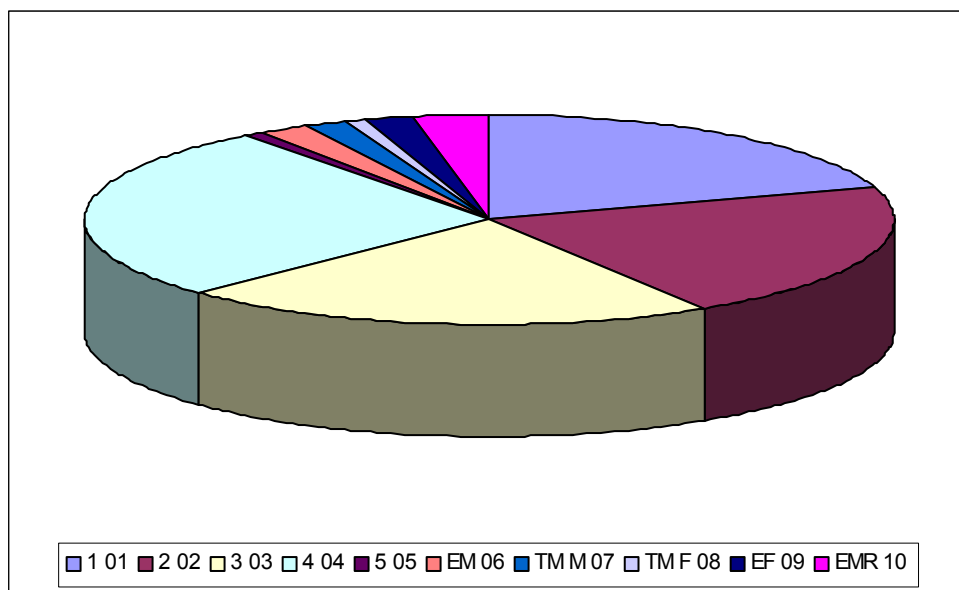


Figura Nº 35 - Distribuição dos grupos de docência (2º ciclo) na área de Estudo Acompanhado

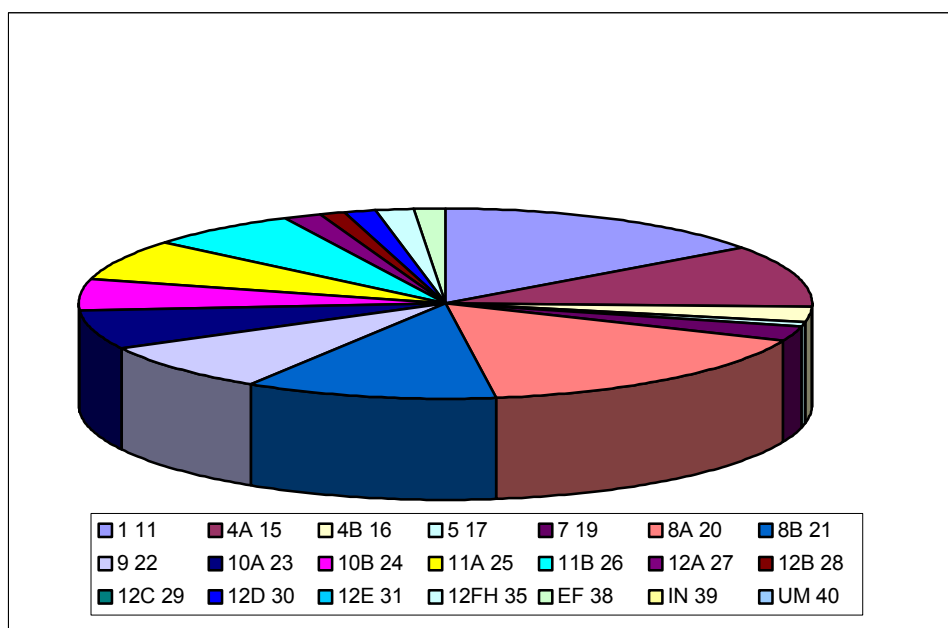


Figura Nº 36 - Distribuição dos grupos de docência (3º ciclo) na área de Estudo acompanhado

A maioria das escolas organizou a área de *Estudo Acompanhado* em tempos lectivos separados (62,3%).

Relativamente ao papel do Conselho de Turma, na figura nº 37 observa-se a preponderância ao nível da tomada de decisões e da avaliação, concluindo-se que a planificação está mais a cargo do par pedagógico responsável por esta área.

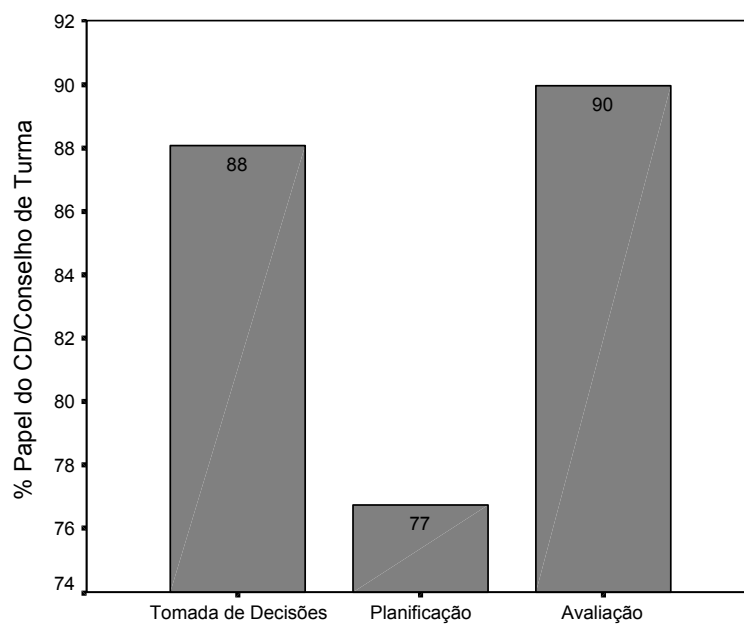


Figura Nº37 - Papel do Conselho de Turma na área de Estudo Acompanhado

3.4.2 Educação para a Cidadania/ Formação Cívica

Na área de Formação Cívica o papel do Conselho de Turma distribui-se mais homogeneamente como se pode observar na figura nº 38.

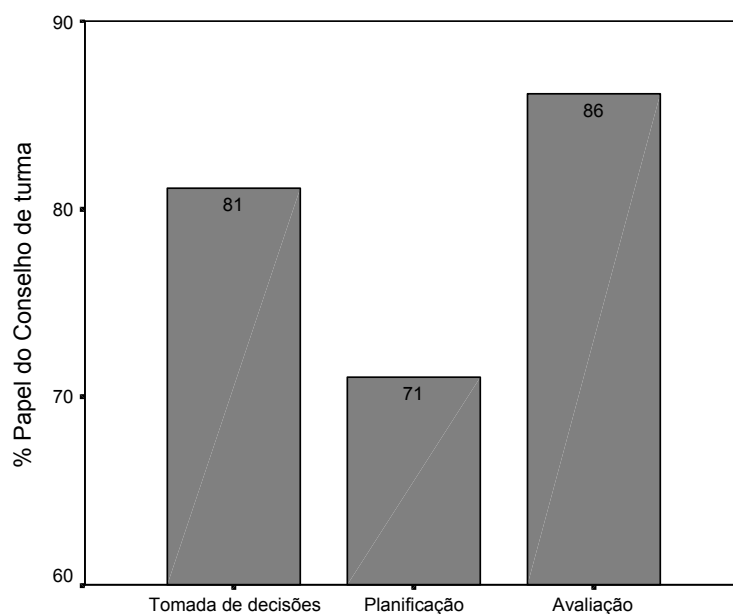


Figura Nº38 - Papel do Conselho de Docentes/Conselho de Turma na área de Formação Cívica

3.4.4 Tecnologias de Informação e Comunicação

A maioria das escolas (81,8%) refere a utilização das TIC's. A tabela Nº12 discrimina as modalidades/contextos em que são utilizadas as tecnologias de informação e comunicação.

TIC - Modalidade

	Frequencia	Percentagem	Percentagem acumulada
tempo autónomo	19	11,9	11,9
Integrado nas NAC	43	27,0	39,0
Integrado nas disciplinas	4	2,5	41,5
integrado nas NAC e disc.	40	25,2	66,7
Tempo autónomo, integrado nas NAC e disciplinas	15	9,4	76,1
TIC's não utilizadas	29	18,2	94,3
"NAC e Autónomo"	9	5,7	100,0
Total	159	100,0	

Tabela Nº 12 - Modalidades da utilização das TIC's por número de escolas

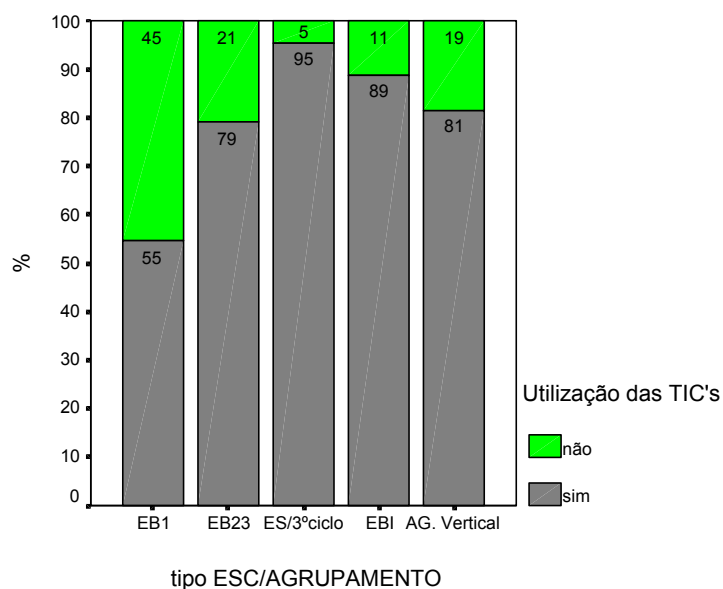


Figura Nº 39 – Utilização das TIC's em função do tipo de escola/agrupamento

Ao cruzar as variáveis “utilização das TIC’s” com o “tipo de Escola” (figura nº 39) verifica-se que são as escolas Secundárias com 3º ciclo as que mais utilizam estas tecnologias.¹⁷

3.5 Formação de professores

Como se pode observar na tabela nº 13 a iniciativa da formação parte, em grande maioria, da própria escola que, de uma forma consentânea com as solicitações da sua comunidade, procura satisfazer as suas necessidades nesta matéria.

Iniciativa da Formação	%¹⁸
Escola	38.2
C Executivo	12.2
C Pedagógico	10.8
Coord. DT	1.4
Coord. GFC	5.1
Dep. Curriculares	3.0
Cons. de turma	1.0
SPO’s	1.4
Centro de Formação	13.9
DEB+DRE+CAE	9.8
ESE+Universidade	2.7
Centro de Saúde	0.7

Tabela Nº 13 – Iniciativa da formação

¹⁷ Refira-se a significância ($\text{sig.}=.06<.05$) associada ao Teste de Independência do qui-quadrado levar à conclusão que não existe relação, estatisticamente significativa, entre a utilização das TIC’s e o tipo de escola. Isto quer dizer que a utilização das TIC’s é independente do tipo de escola que a refere.

¹⁸ ¹⁸ O somatório poderá não resultar em 100% devido aos arredondamentos.

Na tabela nº 14 podem observar-se as áreas privilegiadas ao nível da formação. As novas áreas curriculares foram as mais procuradas.

Áreas de Formação	%
Área de Projecto	21.7
Estudo Acompanhado	19.0
Formação Cívica	18.5
GFC/ Reorganização Curricular	15.8
Tecnologias de informação e comunicação	7.3
Projecto Curricular de Escola e Turma	6.0
Educação Sexual	2.9
Educação Ambiental	2.3
Educação p/ Saúde	1.9
Necessidades educativas especiais	1.5
Outras	3.2

Tabela Nº 14 – Áreas de formação

Na tabela nº 15 verifica-se que a “Acção de Formação” e a “Oficina de Formação” foram as modalidades mais utilizadas.

Modalidades	%
Acção de Formação	28.9
Oficina de Formação	28.9
Circulo de Estudos	10.2
Trabalho de Projecto	4.4
Seminários, conferências, colóquios, etc.	21.8
Troca de experiências c/ outras escolas (informais)	5.8

Tabela Nº 15 – Modalidades de formação

Os professores foram os que mais beneficiaram da formação (tabela nº 16).

Público alvo	%
Professores	80.7
Auxiliares de acção educativa	12.8
Alunos	2.6
Pais e Encarregados de Educação	2.0
SPO e outros	2.0

Tabela Nº 16 – Público alvo da formação

Os formadores dos Centros de Formação foram os mais solicitados nesta matéria (tabela nº17).

Formadores	%
Formadores dos Centros de Formação	28.4
Docentes da escola ou de outras escolas com experiência em GFC	18.7
DEB+DRE's+CAE's	15.4
Especialistas (referidos nominalmente)	16.4
ESE's	10.0
Universidades	8.4
Outros	2.7

Tabela Nº 17 - Formadores

Os Centros de Formação foram as entidades com quem as escolas estabeleceram mais protocolos no âmbito da formação (tabela nº18)

Protocolos	%
Centro de Formação de Professores	54.8
Universidade+ESE	25.3
DEB+DRE+DES	13.0
Escolas	2.7
Centro de Saúde	2.1
Outros	2.1

Tabela Nº 18 – Protocolos estabelecidos no âmbito da formação

3.6 Avaliação do projecto

Foi solicitado às escolas que expusessem através de uma análise descritiva os **pontos fortes e fracos** ¹⁹ realizando, assim, uma síntese avaliativa do projecto, mais especificamente das dificuldades sentidas na implementação do PGFC.

A tabela N°19 resultou da categorização dos discursos e apresenta uma síntese dos aspectos que as escolas consideraram mais positivos aquando da implementação do projecto. É de realçar que algumas das categorias estão, intimamente relacionadas com outras dentro da mesma dimensão. É o caso da organização dos tempos lectivos (90') e intervalos que, segundo as escolas inquiridas resultou na diminuição dos focos de indisciplina e do número de disciplinas diárias no horário dos alunos. Saliente-se até que disto resultou, segundo algumas escolas, na diminuição do número de livros que os alunos necessitam de transportar diariamente, facto que vinha, já há algum tempo, a ser alvo de preocupação, também expressa por parte de muitos Encarregados de Educação.

Em relação aos professores, a promoção do trabalho cooperativo é a categoria mais registada. As escolas revelam deste modo que é na colegialidade que está a solução para muitos dos seus problemas e que a tarefa do professor não mais pode ser uma actividade solitária.

¹⁹ Análise indutiva realizada com base nos discursos retiradas dos guiões, analisados e posteriormente categorizados .

DIMENSÃO	CATEGORIAS		% ²⁰
Impacto na organização da escola	Gestão participada dos recursos da escola		2,4
	Organização dos tempos lectivos e intervalos (90')		5,4
	Clima propício à aprendizagem/ Menos indisciplina		3,9
	Diminuição do número de disciplinas /dia		1,2
	O C.T. como centro das decisões		3,0
	Outras		2,7
Impacto na componente pedagógica	Introdução das NAC's e TIC's		9,3
	Melhoria da qualidade da aprendizagem		3,6
	Redução do número de docentes/CT		2,4
	Articulação e gestão curricular centrada nas competências		10,7
	Ensino diferenciado, flexível e contextualizado.		4,8
	Outras		1,8
Impacto na comunidade educativa	Alunos	Desenvolvimento da autonomia, espírito crítico e motivação.	10,7
		Desenvolvimento da capacidade de intervenção na aprendizagem e auto-regulação	3,6
		Desenvolvimento das relações inter-pessoais	3,3
		Outras	1,2
	Professores	Motivação na procura de opções metodológicas mais dinâmicas	5,1
		Promoção do trabalho colaborativo	11,6
		Autonomia nas decisões	2,4
		Maior e melhor conhecimento e acompanhamento dos alunos	4,2
		Desenvolvimento da prática reflexiva e formação recíproca	2,7
		Outras	1,8
	Enc. Educação e Outros	Envolvimento dos Pais e Enc. Educação	1,2
		Desenvolvimento de parcerias com outras escolas, autarquias, empresas, etc.	1,2

Tabela nº 19 - Pontos Fortes do projecto GFC apontados pelas escolas

Na tabela Nº 20, por outro lado, estão sintetizados os aspectos menos positivos na implementação do projecto de GFC. As dificuldades das escolas prendem-se, maioritariamente, com a falta de recursos. No entanto, a questão mais registada é a falta de adequação dos horários dos professores à necessidade de reuniões semanais do Conselho

²⁰ O somatório das percentagens não é de 100% devido aos arredondamentos efectuados.

de Turma de forma a coordenar, planificar, avaliar e reformular, em tempo útil, o processo de ensino e aprendizagem.

Saliente-se ainda a necessidade que as escolas sentem de formação e informação adequada.

DIMENSÃO	CATEGORIAS	%
Referencial	Inexistência de um Currículo Nacional definido em termos de competências	2,4
	Desarticulação da legislação vigente em relação às exigências do PGFC (ex: avaliação)	0,6
	Insuficiência de orientações e materiais teóricos de suporte à implementação do PGFC.	5,5
	Inexistência de um quadro referências comum para avaliação interna e externa do PGFC	1,8
Estrutural/organizacional	Dificuldades na gestão e rentabilização dos recursos da escola	2,1
	Inadequação dos horários dos professores relativamente à necessidade de reflexão conjunta (uma hora semanal para C.T.)	11,8
	Inadequação dos espaços às novas exigências	3,0
	Insuficiência de recursos materiais/financeiros	9,4
	Mobilidade do pessoal docente	3,6
	Elevado número de alunos /turma e de turmas/prof.	4,5
	Outras	1,8
Processual/Operacional	Diminuição da carga horária inviabiliza o cumprimento dos programas	3,0
	Dificuldades na concepção e implementação dos PCE e PCT	3,6
	Dificuldades na articulação e gestão curricular centrada nas competências	8,5
	Ineficiente avaliação interna do PGFC por falta de instrumentos adequados	3,0
	Outras	1,5
Pessoal / Profissional	Carências ao nível da formação de professores	10,0
	Resistência à mudança e inovação	5,5
	Falta de hábitos de trabalho cooperativo	10,3
	Dificuldades na adopção de práticas reflexivas	3,0
	Pouco envolvimento da comunidade educativa e outras entidades	2,4
	Inexistência de uma cultura de avaliação	1,2
	Outras	1,2

Tabela nº 20 - Pontos fracos²¹ do projecto GFC apontados pelas escolas

²¹ Análise indutiva realizada com base nas descrições retiradas dos guiões.

4. Sucesso Escolar

Com base no anexo 2 dos guiões foi analisado o sucesso escolar no ano lectivo 2000/2001 dos alunos integrados no projecto de GFC.

Conscientes que o sucesso escolar está dependente de inúmeras variáveis impossíveis de analisar na totalidade, os dados apresentados não permitirão retirar as ilações desejáveis, mas apenas as possíveis.

Na figura nº 40 pode observar-se que, de uma forma global, a percentagem de aprovados foi de 86,8% e que é menos expressiva nos anos terminais de ciclo (com excepção do 9º ano) facto que se poderá prender com razões inerentes à própria avaliação sumativa.

Saliente-se que dentro do mesmo ciclo, existe uma percentagem de aprovados muito homogénea nos anos de escolaridade que os compõem,²² sendo o **2º ciclo** aquele com maior percentagem de aprovados. Observe-se, ainda, a diminuição acentuada de alunos aprovados no primeiro ano do ciclo subsequente (7º ano).

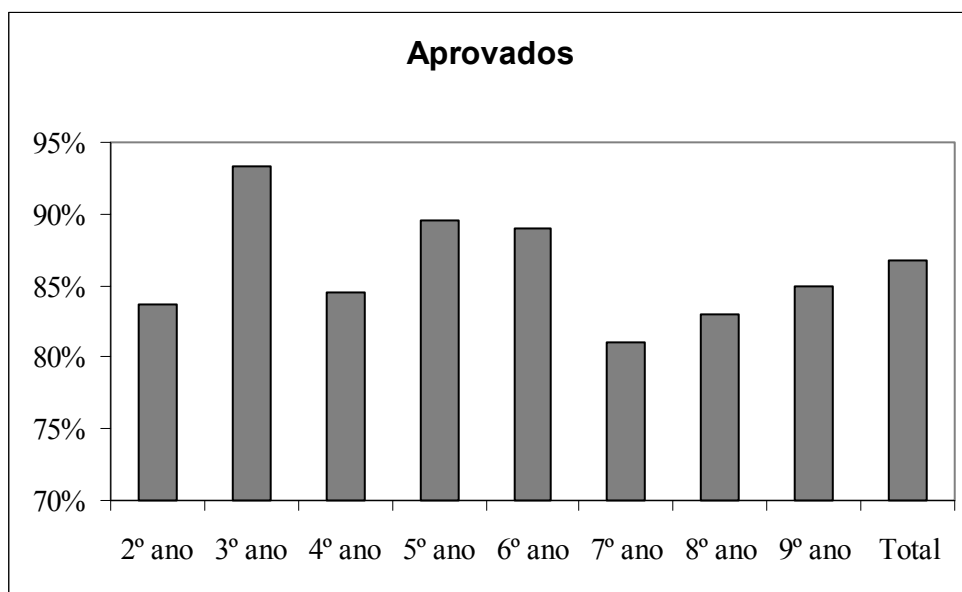


Figura Nº 40 - Percentagem dos alunos aprovados por ano de escolaridade

Na figura nº41 observa-se a percentagem de alunos retidos em conselho de turma verificando-se que é no 2º ano e no 7º ano que é mais expressiva (15% e 15,7%,

²² Saliente-se que a menor percentagem de alunos aprovados no 2º ano, relativamente ao 3º ano, poder-se-á dever ao facto de no 1º ano não existirem retenções.

respectivamente). De uma forma global, o insucesso no ensino básico das escolas que integraram o projecto GFC foi de 10,8%.

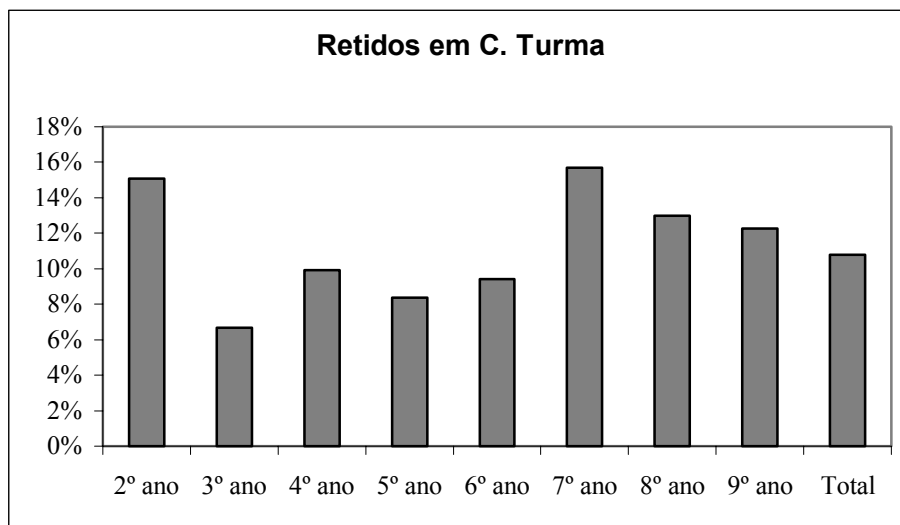
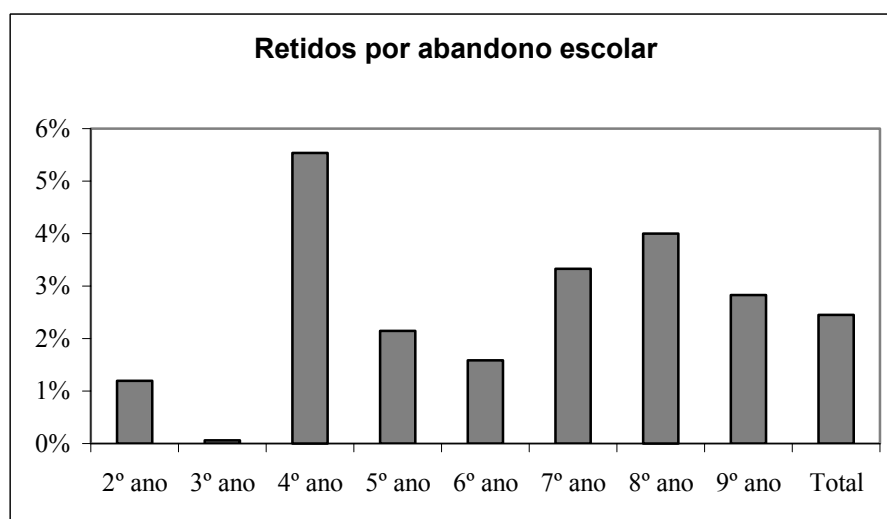


Figura Nº41 - Percentagem de retenções em conselho de turma por ano de escolaridade

Em relação ao abandono escolar (figura nº 42) o 4º ano é o ano onde mais se verificou (5,5%) a retenção por este motivo. Ressalte-se que este dado não se articula, de forma alguma, com os dados dos anos lectivos anteriores²³, uma vez que no ano lectivo 98/99 foi o 5º ano (1,9%) e no ano lectivo 99/00 o 8º ano (3,1%), aqueles que evidenciaram mais retenções por abandono escolar.

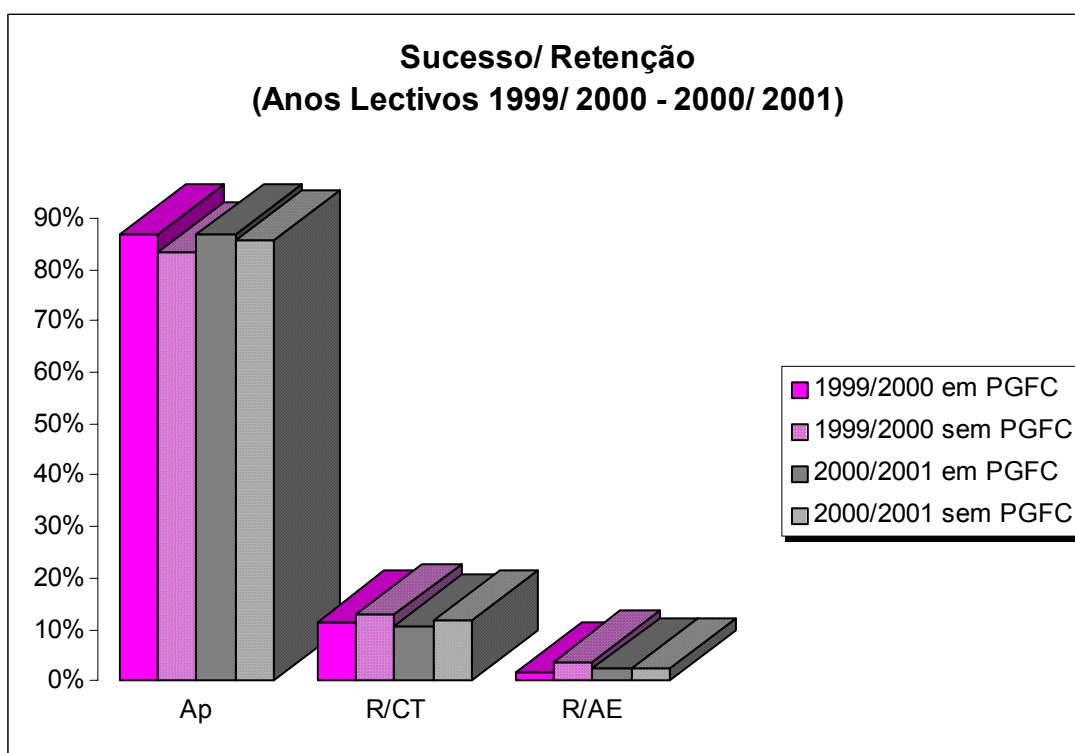
A explicação para este facto exigiria outros dados para apreciação.



²³ No ano lectivo 99/00 ficaram retidos por abandono escolar 3,8% dos alunos e no ano lectivo 00/01 2,4% dos alunos do ensino básico.

Figura Nº 42 - Percentagem de retenções por abandono escolar por ano de escolaridade

Na figura Nº43 pode comparar-se o sucesso escolar entre os alunos que integraram o projecto de GFC e os que não integraram. Como se pode observar, as diferenças não são significativas, apesar de se verificar uma percentagem de sucesso superior nos alunos que integraram o projecto de GFC. É expectativa das escolas que a generalização da reorganização curricular virá confirmar, com mais significado, os dados agora apresentados.

Figura Nº 43 - Percentagem do sucesso/retenção entre os alunos **com e sem** PGFC ²⁴

²⁴ Ap – aprovados

R/CT – retidos em Conselho de Turma

R/AE – retidos por abandono escolar

5. Considerações finais

O presente capítulo tem como objectivos primordiais:

1. Sintetizar os aspectos mais relevantes, emergentes do tratamento dos dados dos guiões/observatório;
2. Levantar algumas questões que poderão servir de base de trabalho para um acompanhamento das escolas que se pretende cada vez mais eficaz e de acordo com as suas necessidades efectivas, agora expressas no guião;
3. Fornecer pistas de trabalho às escolas que entraram este ano na reorganização curricular e/ou com projectos de GFC.

Apresenta-se de seguida, os aspectos mais relevantes e algumas hipóteses justificativas para as questões levantadas tentando, assim, dar consecução aos objectivos acima referidos.

- Do total das escolas participantes no PGFC, as do 1º ciclo foram as que assumiram menor expressão, facto que, à priori, não se justifica face ao universo das mesmas.

Na decorrência deste aspecto poder-se-á levantar a seguinte questão:

O que limitou o interesse das escolas do 1º ciclo na integração no projecto de gestão flexível?

- A monodocência e as suas características subjacentes ao integrarem já uma certa articulação transversal/vertical das diferentes áreas?
- O PGFC, nomeadamente em relação aos blocos de 90' e/ou carga horária semanal, aspecto importante em relação ao 2º e 3º ciclos, mas não em relação ao 1º ciclo devido à autonomia característica da monodocência?
- O desenvolvimento das competências transversais, nomeadamente as relativas às tecnologias de informação e comunicação, ao encontrar como obstáculo algum déficit de recursos?
- O isolamento físico das escolas e o auto-isolamento dos professores, ao desfavorecer a procura de informação, as relações cooperativas e de colegialidade?

- As escolas consideraram que a adequação do currículo às necessidades dos alunos poderá contrariar o insucesso e o abandono escolar. Além disso, desde o início do projecto de GFC as escolas têm aderido com um número crescente, muito significativo, de ano para ano. Este interesse poderá ser justificado pela expectativa em relação à reorganização curricular.
- Independentemente do tipo de escola (EB1, EB 2,3, ES c/ 3º ciclo, EBI e Agrupamentos verticais), a maioria das escolas dispôs de serviços de psicologia e orientação. No entanto, o mesmo não aconteceu relativamente à existência de professor conselheiro e /ou de técnicos de serviço social, facto que as escolas consideraram limitador de uma intervenção eficaz junto dos alunos.
- As escolas contaram com, pelo menos, um a cinco professores de apoio, facto que, por si só, não nos permite extrapolar se os mesmos foram, ou não, suficientes face às necessidades das escolas. No entanto, estas referiram como dificuldades inerentes à implementação do projecto a insuficiência de recursos humanos.
- No ano lectivo 2000/2001 a maioria das escolas optou por integrar no projecto um , dois ou mesmo os três ciclos completos, tendo como consequência vantagens de âmbito organizativo, nomeadamente nos tempos lectivos de 90', e imbuindo do mesmo espírito toda a comunidade educativa.
- Em termos de anos de escolaridade e, à semelhança dos anos anteriores, o 5º ano foi o que englobou mais alunos no projecto, logo seguido do 6º ano. Uma das explicações possíveis para este facto poderá estar ligado às perspectivas da reorganização curricular prevista para o ano lectivo 2001/2002.
- Como pré-requisitos à implementação do projecto as escolas consideraram imprescindível a formação de professores, principalmente ao nível das áreas curriculares não disciplinares e gestão/desenvolvimento curricular. Assim, a formação foi a prioridade mais mencionada, deixando para segundo plano os recursos materiais e humanos.

- Em termos de formação foram as próprias escolas as que mais tomaram a iniciativa de suprir as suas necessidades nesta matéria. As novas áreas curriculares foram as áreas mais procuradas e os Centros de Formação as entidades com quem as escolas estabeleceram mais protocolos. Refira-se, no entanto, a importância dada à troca de experiências e formação recíproca entre docentes da própria escola ou de escolas vizinhas. Apesar de pouco significativa em termos quantitativos, é de salientar, em termos qualitativos, a contribuição dada pelas instituições de ensino superior na formação de professores.
- A comunidade educativa privilegiou as *reuniões em grupos restritos* na divulgação e mobilização para o projecto. Este facto poderá dificultar a coerência interna se não for complementado com formas de coesão e colaboração entre todos os intervenientes. A *informação escrita* poderá servir esse intuito se promover feedback e interacção.
- As escolas elaboraram já os respectivos projectos curriculares de turma e, de uma forma global têm construído o projecto curricular de escola partindo dos anteriores. Refira-se que as escolas manifestaram muita dificuldade em construir estes documentos, justificando-a com *falta de informação* e de *materiais de apoio*.
- Apesar da maioria das escolas ter optado por tempos lectivos de 50', foram as que privilegiaram os ciclos completos as que mais utilizaram os tempos de 90'. Acrescente-se ainda que este facto foi apontado como um dos pontos fortes da implementação do projecto. Das vantagens referidas salienta-se a *diminuição dos focos de indisciplina* contribuindo para um *clima mais propício à aprendizagem* e também a *diminuição do número de disciplinas /dia*, com consequente “alívio do peso das mochilas dos alunos”.
- Verificou-se que as cargas horárias semanais, considerando os tempos lectivos organizados em blocos de 90' se enquadraram, de uma forma global, no estipulado no Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro. Em relação à carga horária por área curricular disciplinar/não disciplinar verificou-se que no 2º ciclo as escolas optaram por um desenho de acordo com o regulamentado. No entanto, no 3º ciclo a área disciplinar *Educação Física* revelou uma diminuição de meio tempo (45') em todos

os anos de escolaridade resultando numa diminuição total de 1,5 no total do 3º ciclo. Apesar das escolas terem alegado falta de recursos físicos, não se encontraram justificações plausíveis para este facto. As áreas *Educação Artística e Educação Tecnológica* (colocadas em conjunto no guião) revelaram um acréscimo, principalmente no 9º ano de escolaridade²⁵.

Na distribuição do serviço docente as escolas caminharam já no sentido da diminuição do número de professores por conselho de turma²⁶, facto que as escolas consideraram muito positivo, pois promove um maior conhecimento/acompanhamento dos alunos.

- A articulação curricular foi referida como uma das maiores dificuldades na implementação do projecto, mas foi também considerada um dos pontos fortes da gestão curricular. Foram as escolas secundárias com 3º ciclo as que, relativamente, mais manifestaram esse constrangimento. Uma possível justificação deste facto poderá ser o maior número de disciplinas/ grupos de docência onde o trabalho cooperativo se poderá tornar mais difícil de concretizar. Uma vez que as dificuldades pareceram menores nas Escolas básicas 2,3 e EBI's esta questão não se prenderá com as características do 3º ciclo em si mesmo, mas antes, com *os poucos hábitos de trabalho cooperativo* na articulação vertical entre escolas.
- Em relação ao envolvimento dos vários órgãos da escola no projecto de gestão flexível do currículo constatou-se que a Direcção Executiva foi o órgão que mais se envolveu, quer na gestão, propriamente dita, como na sua implementação e avaliação. Até na definição do desenho curricular foi este órgão que mais se destacou, mesmo em relação ao Conselho Pedagógico. O Conselho de Turma que se supunha ter a responsabilidade de muitas das etapas da implementação do projecto, manifestou *muito envolvimento* apenas na elaboração do PCT e na articulação entre as áreas curriculares. Considerando as escolas o “Conselho de Turma - centro das decisões” como sendo um dos aspectos mais positivos do

²⁵ Análise referenciada no Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro

²⁶ Ao privilegiar o mesmo professor na leccionação das disciplinas da mesma área e a distribuição das áreas curriculares não disciplinares pelos professores do Conselho de Turma.

PGFC, foi estranho verificar que, em termos de envolvimento, não foi este órgão colegial aquele que mais se salientou.

- Um dos aspectos mais referidos pelas escolas como limitador da implementação do projecto foi a falta de tempos comuns para reuniões do Conselho de Turma. Realmente, os professores reuniram, maioritariamente, uma vez por mês verificando-se que esta periodicidade foi, demasiadamente larga no tempo para poder produzir uma reflexão conjunta sistemática que conduzisse a um controlo eficaz do projecto.
- A *Área de Projecto* foi atribuída, equitativamente a todos os grupos de docência enquanto que o *Estudo Acompanhado* foi distribuído pelos grupos disciplinares que incluem a Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Matemática no 2º ciclo, acrescidos do grupo de Física-Química no 3º ciclo. O Decreto-Lei n.º 6 /2001 refere que *a área de projecto e o estudo acompanhado são assegurados por uma equipa de dois professores da turma, preferencialmente de áreas científicas diferentes*, não se encontrando, por isso, justificações para esta pouca expressão nos outros grupos disciplinares. Sendo o *Estudo Acompanhado* uma *área transdisciplinar* que *pretende desenvolver competências, no âmbito dos métodos de estudo e trabalho, que propiciem uma maior autonomia na realização das aprendizagens*, qualquer grupo disciplinar pode desenvolver este trabalho não havendo nenhuma orientação que conduza às distribuições atrás referidas.

As escolas optaram por organizar a *Área de Projecto* em tempos lectivos seguidos, contrariamente ao *Estudo Acompanhado* em que os tempos lectivos foram separados.

Relativamente ao papel do Conselho de Turma nas áreas curriculares não disciplinares verificou-se que este assumiu mais preponderância na avaliação do que na tomada de decisões e/ou planificação. Este facto parece indicar que coube aos pares pedagógicos e/ou Directores de Turma responsáveis por estas áreas uma maior responsabilidade ao nível da tomada de decisões e planificação, sendo a avaliação remetida para o órgão colegial.

- As escolas utilizaram as tecnologias de informação e comunicação, normalmente em contexto curricular. As escolas do 1º ciclo foram as que menos utilizaram estas tecnologias justificando-se com falta de recursos.
- Os professores consideraram que é na colegialidade que se encontra a solução dos muitos problemas que vão surgindo. Apontaram mesmo a *promoção do trabalho cooperativo* como o *ponto mais forte* do PGFC, logo seguido da *articulação e gestão curricular centrada nas competências* a par do *desenvolvimento da autonomia, espírito crítico e motivação* dos alunos. Curiosamente, os pontos fracos referidos pelas escolas foram precisamente a *falta de hábitos de trabalho cooperativo* e *as dificuldades na articulação e gestão curricular centrada nas competências*. No entanto, foi a *inadequação dos horários dos professores face à necessidade de reflexão conjunta* (uma hora semanal para reunir o conselho de turma) o aspecto negativo mais expresso. Esta questão está no âmbito da organização da própria escola que, à luz da sua autonomia, poderá minimizar.
- Tem-se verificado ao longo dos anos de implementação do PGFC um ligeiro aumento da taxa do sucesso escolar, sendo expectativa das escolas que a generalização da reorganização curricular virá confirmar, com mais significado, essa melhoria.

De uma forma global, as escolas acreditam nas virtualidades da gestão flexível do currículo e nas filosofias que lhe estão inerentes. Os problemas surgem quando se inicia a operacionalização e se deparam com o “ter de decidir” e a com a exigência de mudanças ao nível das práticas. Necessitam, portanto, de orientações adequadas a cada contexto e de materiais de suporte, principalmente ao nível das novas áreas curriculares, associadas a atitudes de permanente reflexão sobre o trabalho realizado, por parte de toda a comunidade educativa, dando forma a uma intervenção mais concertada.

ANEXO

GUIÃO –OBSERVATÓRIO



GUIÃO/OBSERVATÓRIO

DA GESTÃO FLEXÍVEL DO CURRÍCULO

Ano Lectivo 2000/2001

A. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA OU DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS

1. Identificação				
1.1 Nome da escola/agrupamento:				
1.2 Morada				1.3 Código Postal
1.4 Localidade			1.5 Freguesia	
1.6 Telefone	1.7 Fax		1.8 E-Mail	
1.9 DRE:				
1.10 Tipo de agrupamento			1.11 Associação de Pais	
Vertical <input type="checkbox"/> Horizontal <input type="checkbox"/>			<input type="checkbox"/> S <input type="checkbox"/> N	
1.12 Escolas do agrupamento				
Pré-Escolar	1ºCiclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secundário
Indicar o número de Escolas do agrupamento				

2. Recursos Especializados	
2.1 SPO	2.2 Outros especialistas
Psicólogo <input type="checkbox"/> S <input type="checkbox"/> N Professor Conselheiro de Orientação <input type="checkbox"/> S <input type="checkbox"/> N Técnico de Serviço Social <input type="checkbox"/> S <input type="checkbox"/> N	N° Professores de Apoio Educativo <input type="checkbox"/> N° Mediadores <input type="checkbox"/> N° Animadores <input type="checkbox"/> Outros _____ _____ _____

3. Outros projectos/programas em que a escola se encontra envolvida

Designação dos Projectos e/ou Programas Existentes na Escola	Anos de escolaridade envolvidos								
	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
Curriculos Alternativos - <i>Despacho n° 22/SEEI/96</i>									
Cursos de Educação e Formação – <i>Despacho Conjunto n° 123/97 (9ºano+1)</i>									
Programa 15-18 – <i>Despacho 19 971/99 (2ª série)</i>									
TEIP									
Designação									
Alfa									
Comenius									
Nónio									
Bibliotecas Escolares									
Desporto Escolar									
Outros									

B. ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO DE GESTÃO FLEXÍVEL DO CURRÍCULO - Despacho 9590/99 (2ª série), de 14 de Maio

1. Abrangência

1.1 Anos de Escolaridade									
1ºciclo				2º ciclo		3º ciclo			
1º ano	2º ano	3º ano	4ºano	5ºano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	TOTAL
1.2 Nº Turmas									
1º ano	2º ano	3º ano	4ºano	5ºano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	TOTAL
1.3 Nº Alunos									
1º ano	2º ano	3º ano	4ºano	5ºano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	TOTAL
1.4 Nº Professores envolvidos									
1ºciclo				2º ciclo		3º ciclo			TOTAL
1.4.1 Nº de professores destacados ao abrigo do projecto									
1ºciclo			2º ciclo			3º ciclo		TOTAL	

2. Processo de concepção e implementação

2.1 Justificação da apresentação do projecto

- 2.1.1 Adequação do currículo às necessidades dos alunos ☐
- 2.1.2 Absentismo dos alunos ☐
- 2.1.3 Insucesso dos alunos ☐
- 2.1.4 Abandono escolar ☐
- 2.1.5 Outras ☐

Quais _____

2.2 Necessidades inerentes ao desenvolvimento do P. G. F. C.

2.2.1 Formação	2.3.2 Materiais de apoio	2.3.3 Outras

2.3 Formas de divulgação e mobilização da comunidade educativa para o P. G. F. C.

Público-alvo	Formas			
2.3. 1 Professores	Reuniões gerais	<input type="checkbox"/>	Informação escrita	<input type="checkbox"/>
	Reuniões de grupos restritos	<input type="checkbox"/>	Outras situações _____	<input type="checkbox"/>
2.3.2. Alunos	Reuniões gerais	<input type="checkbox"/>	Informação escrita	<input type="checkbox"/>
	Reuniões de grupos restritos	<input type="checkbox"/>	Outras situações _____	<input type="checkbox"/>
2.3.3. Auxiliares de Acção Educativa / Pessoal Administrativo	Reuniões gerais	<input type="checkbox"/>	Informação escrita	<input type="checkbox"/>
	Reuniões de grupos restritos	<input type="checkbox"/>	Outras situações _____	<input type="checkbox"/>
2.3.4. Encarregados de Educação	Reuniões gerais	<input type="checkbox"/>	Informação escrita	<input type="checkbox"/>
	Reuniões de grupos restritos	<input type="checkbox"/>	Outras situações _____	<input type="checkbox"/>
2.3.5. Autarquias / Outras entidades	Reuniões gerais	<input type="checkbox"/>	Informação escrita	<input type="checkbox"/>
	Reuniões de grupos restritos	<input type="checkbox"/>	Outras situações _____	<input type="checkbox"/>

3. Reflexos na organização da escola

3.1 Projecto Curricular de Escola

Elaborado ☐ Não elaborado ☐ Em fase de elaboração ☐

3.2 Projecto Curricular de Turma

Elaborado Na generalidade ☐
Algumas Turmas ☐ Não elaborado ☐

3.3 Desenho Curricular

3.3.1- 1º Ciclo

Componentes curriculares	Organização do Tempo
Áreas curriculares disciplinares e não disciplinares	
Áreas curriculares com coadjuvação	
EMRC / Outras confissões	
Actividades de enriquecimento curricular	

3.3.2 - 2º Ciclo

Componentes Curriculares	5º Ano		6º ano	
	Carga horária semanal	Duração tempos lectivos	Carga horária semanal	Duração tempos lectivos
LP				
HG				
LE				
CN				
MAT				
EVT				
EM				
EF				
Projecto Interdisciplinar / Área de Projecto				
Estudo Acompanhado				
Ed. Cidadania / Formação Cívica				
EMRC / Outras confissões				
Outras Ofertas (a decidir pela escola)				
Enriquecimento Curricular				
TOTAL (sem incluir a Ed. Moral e Enriquecimento Curricular)				

3.3.2 A Distribuição do serviço docente por áreas

Disciplinas	Número de Turmas em que o professor é o mesmo	Número de turmas em que há 2 professores
L.P. H.G.P.		
L.P. L.E.		
MAT. C.NAT.		

3.3.3 - 3º Ciclo

Componentes curriculares		7º Ano		8º Ano		9º Ano	
		Carga horária semanal	Duração tempos lectivos	Carga horária semanal	Duração tempos lectivos	Carga horária semanal	Duração tempos lectivos
• LP							
• LE I							
• LE II							
• História							
• Geografia							
▪ Matemática							
▪ Físico-Química							
▪ Ciências Naturais							
Ed. Artística e Tecnológica	• EV + EM						
	• EV + ET						
▪ EF							
▪ Projecto Interdisciplinar/ /Área de Projecto							
▪ Estudo Acompanhado							
▪ Educação Cívica/ /Formação Cívica							
▪ EMRC ou de outras confissões							
Outras Ofertas (a decidir pela escola)							
Enriquecimento Curricular							
TOTAL (sem incluir o Enriquecimento Curricular e Ed. Moral)							

3.4 Articulação entre ciclos

Sim ☐ Não ☐

Formas de articulação _____

3.5 Envolvimento no Projecto de Gestão Flexível do Currículo

Instruções: Para preencher este mapa use: **A – Muito envolvimento**
B – Pouco envolvimento
C – Nenhum envolvimento

	Elaboração do Projecto Curricular de Escola	Elaboração do Projecto Curricular de Turma	Articulação entre disciplinas/ áreas discip.	Articulação entre as Áreas curriculares não disciplinares	Articulação entre disciplinas e áreas curriculares não disciplinares	Definição do Desenho curricular	Concepção e implementação do PGFC	Avaliação do PGFC
Assembleia de Escola								
Direcção Executiva								
Conselho Pedagógico								
Departamento Curricular								
Conselhos de Docentes								
Conselho de Docentes/ Conselho de Turma								
Conselho de Directores de Turma								
Outros _____								

3.6 Funcionamento do Conselho de Turma

3.6.1 Número de professores por Conselho de Turma

Aumentou ☐ Manteve-se ☐ Diminuiu ☐

3.6.2 Periodicidade das reuniões

semanal ☐ quinzenal ☐ mensal ☐ ocasional ☐

3.6.3 Tempos, previamente marcados no horário, para reunião de professores

☐ S ☐ N

4. Gestão das áreas disciplinares e não disciplinares

4.1 Gestão das Áreas Curriculares não disciplinares: Projecto Interdisciplinar, Estudo Acompanhado e Educação para a Cidadania

4.1.1 Organização

4.1.1.1 Projecto Interdisciplinar / Área de Projecto

Tempos lectivos seguidos Sim ☐
Não ☐

Papel do Conselho de Docentes/Conselho de Turma:

Tomada de decisões ☐ S ☐ N Planificação ☐ S ☐ N Avaliação/Acompanhamento ☐ S ☐ N

4.2.1.2 Estudo Acompanhado

Tempos lectivos seguidos Sim ☐
Não ☐

Papel do Conselho de Docentes/Conselho de Turma:

Tomada de decisões ☐ S ☐ N Planificação ☐ S ☐ N Avaliação/Acompanhamento ☐ S ☐ N

4.2.1.3 Educação para a Cidadania / Formação Cívica

Papel do Conselho de Docentes/Conselho de Turma:

Tomada de decisões ☐ S ☐ N Planificação ☐ S ☐ N Avaliação/Acompanhamento ☐ S ☐ N

4.3 Tecnologias de Informação e Comunicação

Sim ☐ Não ☐

Refira em que modalidade(s):

Tempo autónomo ☐ Integrado nas Novas Áreas ☐ Integrado nas disciplinas ☐

Outra _____

4.4-Distribuição do Estudo Acompanhado e Área de Projecto por grupos de docência

Grupos	Nº de professores envolvidos em:		Número total de professores do grupo
	Estudo Acompanhado	Área Projecto	
1 – 01			
2 -02			
3-03			
4-04			
5-05			
EM-06			
TM-M-07			
TM-F-08			
EF-09			
EMR-10			
1-11			
2A-12			
2B-13			
3-14			
4A-15			
4B-16			
5-17			
6-18			
7-19			
8A-20			
8B-21			
9-22			
10A-23			
10B-24			
11A-25			
11B-26			
12A-27			
12B-28			
12C-29			
12D-30			
12E-31			
12FA-32			
12FE-33			
12FT-34			
12FH-35			
(EA)-A-36			
(EA)-B-37			
EF-38			
IN-39			
MU-40			
E-41			

5. Formação de professores

5.1 Iniciativa da Formação	
5.2 Áreas de formação	
5.3 Modalidades	
5.4 Público – alvo	
5.5 Formadores	
5.6 Protocolos com entidades formadoras	

6. Apoios Externos ao Desenvolvimento do Projecto

6.1 Outras escolas	
6.2 Instituições de Ensino Superior	
6.3 Especialistas	
6.4 Outros	

7. Avaliação do projecto

7.1 Intervenientes	
7.2 Momentos	
7.3 Instrumentos	

7.4 Apreciação crítica

Pontos fortes	Pontos fracos

Nome da Escola: _____

Localidade _____

Anexo 2 do Guião

Instruções: AP-Aprovado. R/CT-Reprovado em avaliação de Cons. Turma/Cons.Docentes. R/AE-Reprovado por abandono (ou excesso de faltas)

QUADROS RELATIVOS AO ANO ESCOLAR DE 1997/1998

designação	Considerar apenas alunos envolvidos no projecto de Gestão GFlexível do Currículo (G.F.C)									
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Total
Ap										
R/CT										
R/AE										
Total										

designação	Considerar apenas alunos não envolvidos no projecto de Gestão Flexível do Currículo (G.F.C.)									
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Total
Ap										
R/CT										
R/AE										
Total										

QUADROS RELATIVOS AO ANO ESCOLAR DE 1998/1999

designação	Considerar apenas alunos envolvidos na G.F.C.									
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Total
Ap										
R/CT										
R/AE										
Total										

designação	Considerar apenas alunos não envolvidos na G.F.C.									
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Total
Ap										
R/CT										
R/AE										
Total										

QUADROS RELATIVOS AO ANO ESCOLAR DE 1999/2000

designação	Considerar apenas alunos envolvidos na G.F.C.									
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Total
Ap										
R/CT										
R/AE										
Total										

designação	Considerar apenas alunos não envolvidos na G.F.C.									
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Total
Ap										
R/CT										
R/AE										
Total										

QUADROS RELATIVOS AO ANO ESCOLAR DE 2000/2001

designação	Considerar apenas alunos envolvidos na G.F.C.									
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Total
Ap										
R/CT										
R/AE										
Total										

designação	Considerar apenas alunos não envolvidos na G.F.C.									
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Total
Ap										
R/CT										
R/AE										
Total										

Nome: _____ e telefone _____, da responsável na escola por este estudo, para servir de elo de ligação com o DEB. Em caso de dúvidas, a responsável, pode sempre contactar pelos telefones, 219430896 (Portela) ou 213934500 (Av. 24 de Julho), M^a da Luz Pignatelli.

NOTA FINAL: As escolas devem preencher os quadros correspondentes aos anos em que estão no projecto de G.F. do Currículo e o ano imediatamente anterior